UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

LUCIANA SALVADOR

O Bem-estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada com residência alternada

CURITIBA
2021

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

LUCIANA SALVADOR

O Bem-estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada com residência alternada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia Forense da Universidade Tuiuti do Paraná, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Giovana Veloso Munhoz da Rocha

CURITIBA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

S182 Salvador, Luciana.
O bem-estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada com residência alternada/ Luciana Salvador; orientadora Profª. Drª. Giovana Veloso Munhoz da Rocha.
100f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2021.

1. Guarda compartilhada. 2. Bem-estar. 3. Alternância de residência. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Forense/ Mestrado em Psicologia Forense. II. Título.

CDD – 342.163

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

Agradecimentos

Pesquisar um tema tão novo só foi possível através do apoio direto e indireto de muitas pessoas. Assim, esse trabalho certamente não pertence só a mim, mas a muita gente que "brilhou os olhos" ouvindo meu tema e que manteve o apoio durante dois anos de pesquisa.

Inicialmente, minha gratidão a minha orientadora, professora Dra. Giovana Munhoz da Rocha, que aceitou a pesquisa desse tema e manteve o otimismo de que eu conseguiria realizar uma pesquisa empírica mesmo nos piores momentos da pandemia, às professoras da banca Dra. Gislei Mocelin Polli e Dra. Normanda Araujo de Moraes pelas contribuições valiosíssimas e por tratarem com tanto carinho minha pesquisa.

Aos colegas Paula Bueno e José Maurício, pessoas incríveis que me auxiliaram em conteúdo, em apoio emocional, em revisões específicas. O caminho do Mestrado certamente ficou muito mais leve pela presença de vocês.

Às advogadas de família, que, além de amigas e profissionais admiráveis, são exemplos de um Direito mais humano: Morena Silveira, Thatiana Area Leão, Polyana Cavaglieri, Fernanda Pimentel, Márcia Manenti, Munirah, Sueli Rosa. Além de apoiarem minha pesquisa, auxiliaram diretamente na indicação de famílias para as entrevistas.

Ao meu marido e alicerce em diversos momentos e em vários suportes Alexandre de Oliveira Dung, pelo amor, por acreditar sempre em mim e me incentivar a ser alguém melhor.

E, principalmente, aos 20 genitores e 20 filhos que dividiram comigo sua história, suas reflexões, se disponibilizaram a realizar entrevistas em meio a isolamento social para mostrar e falar sobre as diferentes formas de se compartilhar o amor!

Resumo

O objetivo principal deste estudo foi comparar o bem-estar de crianças e adolescentes em dois tipos de arranjos de guarda compartilhada: a guarda compartilhada com residência alternada (GCRA) e guarda compartilhada sem alternância de residência. Os objetivos específicos foram analisar o bem-estar dos filhos por meio dos questionários Kidscreen-52 e SDQ e comparar os resultados dos filhos nos dois grupos de arranjos, além de correlacionar os resultados com as variáveis informadas pelos genitores dos filhos entrevistados tanto no questionário sociodemográfico (como, por exemplo, tempo de arranjo, tempo da separação, frequência da alternância ou do contato com o genitor não residente, idade, renda, dentre outros) como na entrevista (ausência de conflito entre os genitores, comunicação entre eles, como o genitor avalia a parentalidade do outro genitor, satisfação do genitor com o arranjo, quanto considera o bem-estar do filho com o arranjo). A amostra contou com um total de 16 famílias (20 genitores e 20 filhos). Dos filhos, 10 viviam em GCRA e 10 estavam convivendo na outra modalidade de arranjo (guarda compartilhada sem alternância de residência). Foram realizadas análises estatísticas de comparação entre os grupos de filhos, análise de correlação (dos resultados dos instrumentos com outras variáveis) e análise qualitativa do conteúdo trazido pelos genitores sobre sua percepção em relação ao arranjo. Ao analisar estatisticamente o resultado geral dos instrumentos aplicados nos filhos, não encontrou-se diferença significativa entre os resultados dos filhos que viviam em GCRA e dos sem GCRA, somente houve uma diferença de magnitude moderada na subescala de saúde e atividade física do Kidscreen, com resultados melhores para os filhos sem GCRA. Também não foram encontradas diferenças entre os grupos nas respostas a questões relacionadas a coparentalidade dos genitores. Na correlação entre diferentes variáveis, encontrou-se que, nas famílias em que os genitores estavam com menos conflitos, as crianças apresentaram melhores resultados no Kidscreen, independente do arranjo ao qual pertencem. Essa correlação foi de magnitude moderada (*rho* = 0,53; p = 0,016). Os resultados da análise qualitativa vão de acordo com essa correlação pois a classe principal encontrada, quando consideradas as falas de todos os genitores bem como quando considerada a dos genitores sem GCRA foi a "Relação do casal parental" (21% dos segmentos de textos dos genitores em geral e 30,2% dos segmentos de textos dos genitores sem GCRA) em que os entrevistados relataram como os aspectos que envolviam a relação entre os genitores interferiam positiva ou negativamente no bem estar dos filhos e dos genitores. Para o grupo de genitores com GCRA a classe principal encontrada na análise qualitativa foi "O filho escolhe" (30,2% dos segmentos de textos) em que são mencionadas a flexibilidade para que a criança se sinta livre para escolher quando e onde quer estar. As principais limitações da pesquisa foram a amostra reduzida (20 filhos) e a grande maioria das famílias pertencerem a um nível econômico/ cultural alto, tendo assim esse viés da amostra. Os pontos fortes são que o estudo combinou informações provenientes dos próprios filhos com as informações dos genitores e análises quantitativas e qualitativas. Além disso, as respostas aos instrumentos foram fornecidas pela própria criança, em formato de autorrelato. Como sugestão para futuros trabalhos, recomenda-se ampliar a amostra e incluir outros grupos de comparação, como filhos em famílias intactas (sem pais separados) e filhos em guarda unilateral. Também, a fim de poder generalizar os resultados, ter a inclusão de famílias de diferentes classes sociais parece relevante.

Palavras-chave: guarda compartilhada; bem-estar; alternância de residências.

Abstract

The main purpose of this study was to compare the well-being of children and adolescents in two types of shared custody arrangements: shared custody with alternating residence (SCAR) and shared custody without alternation of residence. The specific objectives were to analyze the well-being of children via Kidscreen-52 and SDQ questionnaires and to compare the results of the children in the two groups of arrangements, additionally correlate the results with the variables informed by the parents of the interviewed children both in the sociodemographic questionnaire (such as time in the arrangement, time since the separation, frequency of alternation or contact with the non-resident parent, age, income, among others) and in the interview (absence of conflict between the parents, communication between them, how the parent evaluates the parenting of the other parent, satisfaction of the parent with the arrangement, how much he or she considers to be the well-being of the child in the arrangement. The sample comprised a total of 16 families (20 parents and 20 children). From the group of the children, 10 were living in SCAR, and 10 were living in the Other arrangement modality (shared custody without alternation of residence). Statistical analyses of comparison were performed between both groups of children, correlation analysis (of the results of the research instruments with other variables), and qualitative analysis of content brought by the parents about their perception regarding the arrangement. When statistically analyzing the overall results of the research instruments applied to the children, no significant difference was found between the results of the children who were living in SCAR and those without SCAR, there was only a difference of moderate magnitude on the Kidscreen health and physical activity subscale, with better results for the children without SCAR. There were also no differences found between groups in the answers to questions related to the co-parenting of the parents. In the correlation of different variables, it was discovered that in families where the parents had fewer conflicts, the children presented better Kidscreen results, regardless of the arrangement to which they belonged. This correlation was of moderate magnitude (rho = 0.53; p = 0.016). The qualitative analysis results were consistent with this correlation because the main class found, When considering the discourses of all the parents as well as when considering the discourses of the parents without SCAR was “Parental couple’s relationship” (21% of the text segments of the parents in general and 30.2% of the text segments of the parentes without SCAR) in what the interviewees reported how the aspects involving the relationship between the parents interfered with the well-being of the children and the parents in a positive or negative manner. For the group of parents with SCAR, the main class found in the qualitative analysis “The child chooses” (30.2% of the text segments) wherein flexibility is mentioned so the child feels free to choose when and where he or she wants to be. The main limitations of the research were the small sample size (20 children), and the significant majority of families appertain to a high economic/cultural level, thus having this sample bias. The strengths are that the study combined information from the children themselves with information from the parents and quantitative and qualitative analyses. Moreover, the answers to the research instruments were provided directly by the child in a self-report format. As a suggestion for future studies, it may be recommended to expand the sample and include other comparison groups, such as children in intact families (without separated parents) and children in unilateral custody. Furthermore, in purpose to generalize the results, the inclusion of families from different social classes seems relevant.

Keywords: joint physical custody, shared custody; well-being; alternation of residences, alternating residences.

SUMÁRIO

REVISÃO DA LITERATURA.....9

A guarda compartilhada com residência alternada.....10

O conceito de bem estar 12

O bem estar em famílias com residência alternada.....15

MÉTODO.....21

Participantes.....21

Instrumentos.....23

Procedimentos.....29

Análise de dados.....30

RESULTADOS.....32

Resultados dos dados coletados com os filhos.....37

Resultados dos dados coletados com os genitores.....42

Correlação dos dados coletados com os filhos e com os genitores.....43

A análise qualitativa dos dados coletados com os genitores.....45

Análise 1: Corpus total dos genitores.....47

Análise 2: Subcorpus dos genitores com alternância de residência.....56

Análise 3: Subcorpus dos genitores sem alternância de residência.....63

DISCUSSÃO.....69

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....80

REFERÊNCIAS.....81

ANEXOS

ANEXO A. Questionário sociodemográfico.....88

ANEXO B. Roteiro de entrevista semiestruturada.....95

ANEXO C. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).....96

ANEXO D. Itens do questionário Kidscreen 52.....97

ANEXO E. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....98

ANEXO F. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....100

ANEXO G. Descrição dos participantes por núcleo familiar.....103

Apesar de as alterações em 2014 do Código Civil brasileiro passarem a priorizar a escolha pela guarda compartilhada ao invés da guarda unilateral dos filhos após a separação, ainda grande parte das sentenças judiciais dessa modalidade de guarda continua a adotar o formato de residência única, em que um dos genitores fica no papel de visitante em finais de semana alternados, tal como se dá na guarda unilateral (Brito & Gonsalves, 2013; Delgado, 2018). Assim, alguns juristas consideram que, somente se houver alternância de residências entre os genitores é que essa poderia ser efetivamente considerada como guarda compartilhada, defendendo a importância de a criança ter "dois lares" (Dias, 2013, *Recurso Especial Recurso Especial 1251000 MG 2011/0084897-5*, 2011). Ainda pouco estudada no Brasil, a opinião dos juristas brasileiros quanto aos efeitos positivos da guarda física compartilhada (onde haveria algum tipo de alternância de residências entre os genitores) diverge, havendo autores que entendem que esse arranjo geraria insegurança e instabilidade na criança (Leite, 2003; Madaleno & Madaleno, 2016).

Em diversos países da Europa há um aumento significativo da homologação de guarda com residências alternadas pelos magistrados nos últimos anos (denominada de *joint physical custody* – JPC). (Bergström, Fransson, Modin, Berlin, Gustafsson, & Hjern, 2015; Bergström, Fransson, Hjern, Kohler, & Wallby, 2014; Marinho, 2018). Havendo a hipóteses de que esse arranjo geraria falta de estabilidade e estresse nas crianças em função das constantes mudanças entre as residências dos genitores, diversos estudos quantitativos e qualitativos em outros países foram realizados para avaliar aspectos da qualidade de vida de crianças e dos pais em custódia física alternada comparados a crianças com outros arranjos (Baude, Pearson, & Drapeau, 2016; Steinbach, 2018). Os resultados de pesquisas nestes países mostraram que a JPC tem efeitos positivos tanto para o bem-estar das crianças e dos pais, quando comparados às famílias em que a criança tem contato com o genitor esporadicamente (Baude et al., 2016; Bauserman,

2002; Steinbach, 2018). Em função da falta de pesquisas no Brasil nessa área e da necessidade de resultados que possam embasar as decisões judiciais favoráveis ou contrárias a guarda compartilhada com residência alternada (denominada aqui de GCRA), entende-se que há relevância de pesquisas nesse tema.

Considerando o bem-estar como um conceito com enfoque ampliado, que inclui aspectos físicos, psicológicos e sociais, resultando da interinfluência entre os aspectos internos ou psicológicos e suas interações externas com outras pessoas e com o ambiente, a pesquisa visa responder se há diferença entre o bem estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada com residência alternada (GCRA) e as crianças e adolescentes em guarda compartilhada sem alternância de residência.

A guarda compartilhada com residência alternada

Na legislação brasileira, o Código Civil determina somente duas modalidades de guarda após a separação ou divórcio: a unilateral e a compartilhada. O conceito de guarda compartilhada surgiu no ordenamento jurídico nacional em 2008 com a Lei 11.698 e foi aperfeiçoado com a Lei 13.058 de 2014. A guarda compartilhada é definida como aquela em que "há a responsabilização conjunta e o exercício de direitos e deveres do pai e da mãe que não vivam sob o mesmo teto, concernentes ao poder familiar dos filhos comuns" (*Lei nº 11.698,* 2008). Na alteração do código civil em 2014, a guarda compartilhada passou a ser colocada como a prioridade nas decisões judiciais. Sobre a divisão do tempo de convívio do filho com os genitores nesta modalidade de guarda, a lei menciona, no artigo 1.583, no parágrafo segundo que "na guarda compartilhada, o tempo de convívio com os filhos deve ser dividido de forma equilibrada com a mãe e com o pai, sempre tendo em vista as condições fáticas e os interesses dos filhos." (*Lei nº 13.058*, 2014) não especificando, portanto, como deve ser essa divisão. Apesar das alterações trazidas pela lei, ainda há um número significativo de sentenças judiciais

definidas como guarda compartilhada que continuam a adotar o formato de residência única, em que um dos genitores fica no papel de "visitante" em finais de semana alternados, tal como se dá na guarda unilateral (Brito & Gonsalves, 2013; Delgado, 2018). No entendimento de Delgado (2018), esse formato na legislação brasileira faz com que a guarda compartilhada na prática acabe se equiparando à guarda unilateral. Para Madaleno e Madaleno (2016), a alteração dada pela lei de 2014 representou o advento da *guarda compartilhada física*, e compreende que atualmente, na prática, existem duas formas distintas de guarda compartilhada em vigor no ordenamento jurídico brasileiro: a guarda compartilhada jurídica e a guarda compartilhada física.

A opinião dos juristas brasileiros quanto aos efeitos positivos da alternância de residências na guarda compartilhada diverge. Há autores que entendem que a residência deveria ser única na guarda compartilhada pois a alternância de residência geraria insegurança e instabilidade na criança (Leite, 2003; Madaleno & Madaleno, 2016). Para Dias "a guarda compartilhada significa dois lares, dupla residência, mais de um domicílio" (2013, p. 456), estando o filho livre nesse arranjo para transitar de uma residência para a outra e adverte para o perigo de que, no caso de fixação de uma única residência na guarda compartilhada, isso possa desvirtuar o instituto do compartilhamento da guarda restando a ideia ao genitor cujo lar é a residência do filho de que ele venceu a disputa e ao filho, de que esse genitor é seu principal guardião. O Superior Tribunal da Justiça, ao julgar o recurso especial que se tornaria uma referência no assunto da discussão da alternância de residência no caso da guarda compartilhada afirma que "A ausência de compartilhamento da custódia física esvazia o processo, dando à criança visão unilateral da vida, dos valores aplicáveis, das regras de conduta e todas as demais facetas do aprendizado social" alegando também que "Reputa-se como princípios inefastáveis a adoção da guarda compartilhada como regra e a custódia física conjunta como sua efetiva expressão" (*Recurso Especial 1251000 MG 2011/0084897-5*, 2011)

Cabral (2008) refere ser a alternância de residências conhecida no Direito anglo-saxão como *joint physical custody* (JPC) ou *residential joint custody*. Esta modalidade de guarda caracteriza-se pela distribuição do tempo em que o filho deverá ficar com um ou outro genitor. Este tempo poderá ser de um mês, seis meses, um ano, alguns dias semanais e/ou até parte do dia. Apesar de ainda não haver uma definição precisa da JPC em outros países, nos debates sobre essa caracterização, o denominador comum para identificar esse arranjo é o fato de a criança alternar entre os domicílios de seus pais e, portanto, residir com cada um deles um tempo substancial. Segundo Steinbach (2018), em uma revisão de literatura sobre o tema, informa que a referência utilizada pela maioria dos estudos empíricos e jurisdições dos países europeus é de considerar o limiar de 30 a 50% do tempo com cada genitor para distinguir a custódia física conjunta da custódia física exclusiva, onde a criança vive principalmente ou exclusivamente com apenas um dos pais.

Na Europa, desde 1995, tem crescido a homologação de residências alternadas pelos magistrados e, em Portugal essa vem sendo mais comum na escolha entre os casais nos últimos anos (Marinho 2018). Em outros países da Europa a alternância de residências também está aumentando significativamente na escolha entre genitores separados (Bergström et al., 2015) sendo que este tipo de guarda já chegava a 30 a 40% dos tipos de arranjo pós separação na Suécia em 2010 (Bergström et al., 2014).

O Conceito de Bem Estar

A definição do conceito de bem-estar não apresenta um consenso dentro da literatura, uma vez que existem paradigmas teóricos diferentes para compreendê-lo (Moreira & Sarriera, 2006). Segundo Alfaro, Casas e López (2015) o campo de investigação do conceito é constituído por três grandes linhas conceituais: o bem estar subjetivo (que está mais associado a uma perspectiva de prazer e desprazer, inclui avaliação sobre a satisfação e a insatisfação

com a vida), o bem estar psicológico (relacionado mais a processos de autorrealização, desenvolvimento do potencial humano e funcionamento psicológico pleno) e o bem estar social (que ressalta as relações interpessoais e intergrupais dentro do contexto social). Casas e Frones (2019) identificam quatro perspectivas básicas nos estudos sobre o conceito que denominam como multifacetado de bem estar infantil: o bem estar objetivo (relacionado a recursos sócio-materiais e oportunidades), subjetivo (envolvendo presença de afeto positivo, ausência de afeto negativo e grau de satisfação com a vida), desenvolvimental (relacionada a capacidade de inclusão e conquistas educacionais) e eudamônico (relacionado ao conceito de autorrealização).

Ryff (1989) identifica, ao analisar as características de bem-estar psicológico descritas em várias formulações anteriores, que os pontos de convergência encontrados nas teorias são os seguintes aspectos: autoaceitação (de si mesmo e de sua vida passada), relações positivas com outras pessoas (incluindo afeto e confiança), autonomia (autodeterminação, independência e regulação do comportamento a partir de si mesmo), domínio ambiental (capacidade de criar ambientes adequados às suas condições psíquicas) e de si mesmo, senso de propósito na vida, crescimento pessoal.

Conforme Alcantara et al (2019), que utilizam um enfoque ampliado de saúde enquanto bem estar físico, psicológico e social, o bem-estar resulta da interinfluência entre os aspectos internos ou psicológicos e suas interações externas com outras pessoas e com o ambiente. Para Casas e Frones (2019), nas ciências da saúde, o conceito de bem estar simboliza a mudança de um foco estreito em sintomas concretos para uma visão geral de perspectiva sistêmica sobre o desenvolvimento da saúde ressaltando que, compreender o bem estar de crianças envolve relacionar a perspectiva multifacetada de bem estar com as características da infância moderna. Segundo Gonzales, Coenders e Casas (2008), o bem estar psicológico pode ser considerado um componente da qualidade de vida e, segundo esses autores, há um número relativamente grande

de construtos psicossociais considerados intimamente relacionados ao bem-estar psicológico como a satisfação com vida como um todo e com domínios específicos da vida, autoestima, a percepção de apoio social, percepção de controle e valores.

Assim, nesse estudo, utiliza-se um conceito de bem estar ampliado, compreendendo, conforme Moreira e Sarriera (2006) que o conceito de bem estar pode ser definido como um sentimento atual, global e prazeroso, também relacionado a possibilidade de projeção futura e à aquisição pessoal de possibilidades e de qualidade de vida. Nessa concepção considera-se o bem-estar subjetivo, objetivo, interno, externo, social, laboral, cultural, familiar, físico, econômico e psicológico.

Medir bem-estar é importante já que um nível alto de bem estar é considerado um preditor de saúde futura e qualidade de vida das pessoas (Diener, 2012). Pesquisas que avaliam crianças e genitores em diferentes arranjos familiares após a separação dos pais utilizam o construto do bem-estar por considerarem que tanto a autoestima quanto a satisfação com a vida podem ser afetadas pela estrutura familiar e pelos filhos, devido à natureza desses fatores. (Bastaists & Mortelms, 2016; Poortman, 2018; Sobolewski & Amato, 2007; Sodermans et al., 2015, Sodermans & Matthijs, 2014). Sobre a medição do bem estar, apesar de não haver consenso sobre como exatamente bem-estar deve ser medido, já que a maioria dos analistas desse construto pensa no bem-estar das crianças como um conceito global envolvendo múltiplos domínios e dimensões (O'Hare, Mather, Dupuis, Land, Lamb, & Fu, 2013), segundo Alcantara et al (2019), na pesquisa sobre o bem-estar existem dois tipos de instrumentos: os que assumem que a medição deve se basear em perguntas gerais sobre a satisfação com a vida; e os que consideram que a satisfação global está relacionada com a acumulação de satisfações com os distintos âmbitos da vida. Considerou-se nessa pesquisa esse segundo ponto da vista e utilizou-se dois questionários que avaliam diferentes áreas da vida das crianças e adolescentes (Kidscreen e SDQ) para medir o bem estar

O bem- estar em famílias com residência alternada

Estudos demonstraram que a separação ou o divórcio está associado a níveis mais baixos de bem-estar para as crianças e para os pais(Amato, 2010; HärKönen, Bernardi, & Boertien, 2017). Em geral, os resultados apontam que as crianças sofrem com a perda do relacionamento com o pai não-residente e seus recursos emocionais e financeiros. Pais também sofrem com a perda do relacionamento e o papel parental, impactando no relacionamento com os filhos e as mães costumam tornar-se sobrecarregadas com o peso do cuidado diário das crianças e da participação no mercado de trabalho (Steinbach, 2018). Com o crescente número de JPC em vários países surge então a dúvida se o fato de passar um tempo considerável tanto na casa da mãe quanto do pai poderia compensar os efeitos prejudiciais causados pela separação nas crianças e pais.

Steinbach (2018) em revisão teórica de 40 estudos sobre bem-estar de crianças em JPC publicados na América do Norte, Austrália e Europa entre 2007 e 2018, refere que as evidências das pesquisas sugerem que os arranjos de JPC tem impacto positivo no bem-estar de crianças e pais, mostrando que crianças em guarda com residência alternada estão melhores do que as crianças sob custódia única. Os dois estudos de metaanálises publicados sobre o tema (Bauserman, 2002; Baude et al., 2016) também trazem como conclusão de que as crianças em custódia conjunta estudadas estavam melhores do que as que viviam em regime de guarda individual, mas não se encontravam melhores do que as que residiam em famílias intactas (pais não separados). A metanálise de Bauserman (2002) apresenta resultados como ajustamento mais positivo de crianças em guarda conjunta em relação ao ajustamento geral, a relações familiares, autoestima, ajustamento emocional, comportamental e melhor ajustamento específico ao divórcio dos pais. Nos estudos analisados pelo autor, pais em guarda conjunta relataram menos conflitos atuais e passados do que pais em guarda única, mas isso não explicava a melhor adaptação dos filhos em guarda conjunta. Na metanálise de Baude et al.

(2016), os resultados gerais dos 19 estudos selecionados revelaram também melhores resultados para crianças em guarda conjunta, mas com um tamanho de efeito fraco (d = 0,109). Essa associação foi moderada pela quantidade de tempo que as crianças passaram com seus dois pais, sendo que as que passavam mais tempo com os dois genitores apresentavam melhor ajustamento.

Em pesquisa realizada com mais de 148.000 crianças na Suécia a fim de avaliar distúrbios psicossomáticos em crianças com JPC comparando-os a famílias intactas (não divorciadas) e filhos que vivem a maior parte do tempo com um dos pais, foi identificado que as crianças em JPC estão melhores e reportam menos sintomas do que as que vivem a maior parte do tempo com somente um dos pais, mas apresentam um pouco mais de problemas do que as que vivem em família nuclear intacta. (Bergström et al. 2015). Nesse mesmo sentido uma pesquisa que buscou avaliar queixas psicológicas de crianças e adolescentes em JPC, concluiu que filhos em um único cuidado parental relataram mais frequentemente altas queixas psicológicas enquanto que as queixas dos filhos em JPC e em famílias nucleares eram comparáveis com proporções mais baixas (Fransson, Turunen, Hjern, Östberg, & Bergström 2016). Neste estudo, não houve diferenças nas queixas psicológicas encontradas para os filhos em JPC em comparação com aqueles em famílias nucleares. Esses autores concluem que os resultados mostram que o arranjo de JPC pode minimizar os potenciais efeitos negativos da separação dos pais. Bjarnasson et al. (2012) trazem que crianças em guarda com JPC relataram níveis significativamente mais altos de satisfação com a vida (um dos aspectos do bem-estar) do que crianças em outros tipos de famílias não intactas. Esses pesquisadores sugerem ainda que a privação econômica não influenciou diretamente esse resultado.

A fim de buscar explicar esses resultados, pode-se analisar as pesquisas de Bergström et al. (2014) que explicam que, na JPC, tende a haver mais relacionamentos positivos com ambos os pais e esse fator é importante para o bem-estar da criança e sua saúde mental.

Steinbach (2018) analisa que, o fato de viver com os dois pais na JPC aumenta a possibilidade de a criança ter acesso a recursos de ambos os genitores (psicológico, social e econômico), o que também favorce sua saúde mental. Em pesquisa que avaliou as redes sociais de crianças em JPC (Zartler & Grillenbergere, 2017), as crianças entrevistadas se mostraram satisfeitas com esse modelo de arranjo relatando que era confortável ainda ter ambos os pais embora eles não vivessem mais juntos e descreveram suas relações com ambos os pais como particularmente fortes, confiantes e emocionalmente próximas. Ambos os pais foram vistos como parceiros de diálogo igualmente relevantes e como prestadores competentes de apoio emocional instrumental como falar sobre problemas, apoiar processos decisórios, ajudar com o trabalho escolar ou fornecer transporte. Bastaits e Mortelmans (2016) em pesquisa que avaliou aspectos da parentalidade no bem-estar de crianças relacionando-os a diferentes arranjos, encontraram que o fato de ter o apoio materno e paterno aumentava tanto a autoestima quanto a satisfação com a vida nas crianças e que, nas famílias divorciadas geralmente há um declínio no apoio por parte do genitor não residente, o que costuma gerar um impacto negativo no bem-estar das crianças.

Sobre os efeitos da custódia física conjunta no bem-estar dos pais, os resultados mostram que pais com JPC estão mais satisfeitos com sua situação de vida do que pais em custódia única. Pais no arranjo de tempo compartilhado apresentam saúde melhor, mais liberdade para lazer e uma divisão mais igualitária nos cuidados com os filhos, o que pode acarretar um impacto indireto no bem-estar do filho. (Steimbach, 2018)

Umas das dúvidas em decisões judiciais é sobre as repercussões para crianças em JPC quando há a presença de conflitos entre os pais. Há em parte consenso entre pesquisadores e profissionais de que os acordos conjuntos de JPC após separação parental beneficiam a maioria das crianças se os pais cooperarem e tiverem baixos níveis de conflito. (Baude & Royer, 2015; Steimbach, 2018). Já quando há conflitos entre os pais, alguns estudiosos argumentam que a

guarda única seria o melhor arranjo, já que o conflito seria danoso à criança porque as assusta, faz com que elas se sintam divididas entre seus pais, as expõe a pais inconsistentes e, às vezes, leva a um enfraquecimento ativo de um dos pais pelo outro. Assim, em relacionamentos de alto conflito, em que os pais não podem atender às necessidades da criança, o arranjo de JPC seria prejudicial para o bem-estar da criança segundo o entendimento desses autores (Fehlberg, Smyth, Maclean, & Roberts, 2011; Steinbach, 2018).

Fehlberg et al. (2011) citam dois estudos australianos que identificaram uma ligação entre arranjos de tempo compartilhado envolvendo alto conflito com resultados ruins para a criança exposta por algum tempo a esses conflitos. Essas crianças apresentaram maiores dificuldades de atenção, concentração e conclusão de tarefas e hiperatividade. Contudo, os autores ressaltam que a maioria das pesquisas de JPC foram realizadas com pais com baixo nível de conflito parental, inclusive por haver uma tendência maior de que estes pais optem por um arranjo de tempo compartilhado. Assim, há falta de informação clara de pesquisas sobre a viabilidade do tempo compartilhado para famílias com altos níveis de conflitos.

Outra questão debatida com frequência é sobre a idade em que a criança estaria apta para viver em alternância de residência. Alguns autores apresentam uma postura contrária à alternância de residência em crianças jovens, com base na necessidade de desenvolvimento de uma figura primária de apego que assuma certa continuidade da relação com uma das figuras parentais (Golse, 2014). Os resultados de dois estudos empíricos sobre o impacto de frequentes pernoites com ambos os pais sobre o apego e bem-estar de crianças menores de cinco anos de idade revelaram alguma evidência de que frequentes pernoites em dois lares para crianças jovens estão associadas à insegurança de apego e menos regulação de comportamentos (Steinbach, 2018). Contudo, efetivamente poucas pesquisas conseguiram avaliar as repercussões de diferentes arranjos em crianças com menos de 5 anos de idade. Para defensores da JPC, a teoria do apego sugere que a interação regular com cuidadores importantes estimula

e mantém o apego, e é por isso que um tempo longo de separação de um dos pais deveria ser evitado. Esses autores ressaltam para resultados de pesquisas modernas sobre o apego que sugerem que as crianças podem desenvolver e manter relacionamentos significativos com vários cuidadores (Fransson et al., 2016; Steinbach, 2018). Assim, de maneira geral, parece haver algumas condições estruturais e relacionais que favorecem a guarda compartilhada com residência alternada. Gilmore (2006) cita alguns desses aspectos como: proximidade geográfica das residências, capacidade dos pais de cooperarem sem alto conflito, um certo grau de competência dos genitores, um certo grau de independência financeira e um alto grau de capacidade de resposta às necessidades das crianças, com disposição para alterar os arranjos para atender às necessidades em mudança das crianças quando elas crescem.

Resumindo, grande parte das pesquisas realizadas em países da Europa, EUA, Austrália e Canadá sobre crianças e adolescentes que vivem em alternância de residência (mais de 30% do tempo com cada genitor) trazem dados favoráveis ao bem-estar, satisfação de vida e qualidade de relacionamentos dessas crianças, maiores quando comparados a crianças em arranjo de residência única após a separação. Também há dados que mostram que os genitores nesse arranjo possuem melhor bem-estar. As relações com os genitores se tornam mais positivas e os filhos possuem mais acesso a recursos dos dois genitores (físicos, econômicos e relacionais), o que parece auxiliar na saúde mental dessas crianças.

Contudo, ainda não é possível estabelecer relações causais diretas entre esses achados e o arranjo de guarda. Em geral genitores que optam por guarda com residência alternada tendem a ter características que podem tornar os resultados positivos para os filhos, independentes do arranjo parental. Como demonstram alguns autores (Fehlberg et al., 2011; Steimbach, 2018), na maioria das amostras pesquisadas em JPC os pais possuíam nível socioeconômico e educacional alto, já eram envolvidos nos cuidados com os filhos antes da

separação e são cooperativos entre si. Além disso, a maioria das pesquisas foram realizadas com crianças entre 6 e 15 anos, havendo poucos dados sobre JPC em crianças mais jovens.

O objetivo principal desse estudo foi comparar bem-estar de crianças e adolescentes em dois tipos de arranjos de guarda compartilhada: a guarda compartilhada com residência alternada (GCRA) e guarda compartilhada sem alternância de residências. Os objetivos específicos foram analisar o bem-estar dos filhos por meio dos testes Kidscreen-52 e SDQ e comparar os resultados dos filhos nos dois grupos de arranjos, além de correlacionar os resultados com as variáveis trazidas pelos genitores dos filhos entrevistados tanto no questionário sociodemográfico (como, por exemplo, tempo de arranjo, tempo da separação, frequência da alternância ou do contato com o genitor não residente, idade, se há irmãos, relação com madrasta/padrasto) como na entrevista (nível de conflito dos genitores, comunicação entre eles, como o genitor avalia a parentalidade do outro genitor, satisfação do genitor com o arranjo e as percepções sobre eles em relação ao arranjo). Para isso foram realizadas análises estatísticas de comparação entre os grupos dos filhos, análise de correlação (resultado dos instrumentos com outras variáveis) e análise qualitativa do conteúdo trazido pelos genitores sobre sua percepção em relação ao arranjo. A hipótese inicialmente levantada é que se encontraria resultados melhores no bem-estar dos filhos que estão em arranjo de guarda compartilhada com residência alternada (GCRA) do que nos filhos que vivem em guarda compartilhada sem alternância de residência.

Método

O delineamento da pesquisa é misto, onde se combinam procedimentos qualitativos e quantitativos. Dentro dos modelos de pesquisa misto, será utilizando o delineamento convergente. Segundo Gil (2017), esse tipo de delineamento de pesquisa mista tem o propósito de obter dados complementares sobre o mesmo tópico para melhor compreender o problema de pesquisa. Se caracteriza por coletar e analisar dados quantitativos e qualitativos durante a mesma etapa do processo de pesquisa, seguida por uma união dos dados em uma interpretação geral.

Participantes

Os participantes dessa pesquisa pertenciam a 16 famílias, nas quais os filhos viviam em guarda compartilhada. Dentre estas famílias, foram entrevistados 20 genitores e 20 filhos (crianças e adolescentes) dos mesmos genitores. Das 16 famílias, em 8 os filhos viviam em GCRA e nas outras 8 em guarda compartilhada sem alternância de residência. No anexo G estão descritos os participantes, agrupados por famílias juntamente com os resultados dos testes aplicados nos filhos. Considerou-se a GCRA a guarda física compartilhada de maneira fática (independente do que foi definido em decisão judicial) em que os filhos permanecem de 30 a 50% com cada genitor independente da frequência da alternância do ciclo da convivência com o outro genitor. Nos casos de guarda compartilhada sem alternância foram consideradas famílias em que os filhos viviam em residência fixa com um dos genitores e conviviam com o outro genitor (genitor não residente, aqui denominado GNR) menos de 30% do tempo. Os critérios de inclusão foram: 1) famílias que exercem guarda compartilhada em que os filhos tem contato com ambos os genitores; 2) famílias nas quais os filhos têm de 8 a 17 anos. Os critérios de exclusão foram famílias que: 1) as crianças fossem menores de 8 anos; 2) os

genitores estivessem em litígio judicial pela guarda do filho; 3) estavam convivendo há menos de um ano com o arranjo atual.

Dentre as 16 famílias pesquisadas, em 4 foram entrevistados os dois genitores (pai e mãe) e em 12 somente um dos genitores (mãe ou pai). Em 4 famílias foram entrevistados mais dois filhos (irmãos por parte de mãe e pai) e em outras 12 somente um dos filhos. Entre os genitores entrevistados, 9 pertenciam ao grupo em GCRA e 11 ao grupo sem residência alternada. Dentre os genitores sem GCRA, 8 residiam com os filhos e 3 não residiam (denominados aqui de genitor não residente – GNR). 70% dos genitores são mulheres e 30% homens. A idade média dos genitores era de 40 anos, tendo o mais jovem 26 anos e o mais velho 56. A renda média era de R$ 5400 e, em relação ao nível de escolaridade, 45% dos genitores possuía pós graduação completa, 45% tinha nível superior completo e 10% tinha ensino fundamental completo. Todos os genitores foram casados anteriormente com o pai/mãe da criança entrevistada e a média da duração do casamento foi de 11,8 anos. A média de tempo em que se encontram separados era 4,8 anos.

Do total dos filhos entrevistados, 10 viviam em GCRA e 10 em guarda compartilhada sem residência alternada, 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino, têm idade de 8 a 17 anos, sendo a média de idade 11 anos. O tempo médio em que os filhos conviviam no arranjo atual é de 5,1 anos, sendo o menor período de 1 ano e o maior de 11 anos. 50% dos filhos não tinham outros irmãos e 50% tinham um ou mais irmãos.

Os participantes da amostra foram localizados por múltiplas vias: indicações de advogados, de Centros de Práticas Jurídicas das Faculdades de Direito de Foz do Iguaçu, de professores de escolas públicas e particulares, de psicólogos infantis, através de divulgação pela internet e pelo método “bola de neve” onde os próprios participantes indicaram outros. Foram realizadas entrevistas com famílias residentes em três cidades: Caxias do Sul (RS), Curitiba e Foz do Iguaçu (PR). Em função da pandemia, visando diminuir os riscos e facilitar

o acesso às famílias, todas as entrevistas com os genitores foram realizadas de maneira online, através da plataforma de software *Zoom.* A entrevista e aplicação dos instrumentos com os filhos foi realizada em sua maioria presencialmente, com exceção de 4 casos em que tanto a entrevista como a aplicação dos instrumentos foram realizados de forma online, por solicitação dos genitores.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos para a realização desse estudo: 1) Questionário sociodemográfico; 2) Roteiro de entrevista semi-estruturada; 3) Questionário SDQ (Goodman & Goodman, 2012).; 4) Questionário Kidscreen 52 (The Kidscreen Group Europe, 2005)., respectivamente anexos A, B, C e D.

O questionário sociodemográfico foi respondido por todos os genitores e teve o objetivo de investigar características dos participantes e da família bem como outros aspectos que poderiam interferir no arranjo. Ao todo continha 52 questões com questões como tempo de arranjo, tempo da separação, frequência da alternância ou do contato com o genitor não residente, idade, se há irmãos, relação com madrasta/padrasto, rede familiar extensa, dentre outros. (Anexo A)

A entrevista semi-estruturada foi realizada com os genitores e continha 09 questões. Destas, 04 questões eram abertas (1. Como você percebe o arranjo de guarda atual?, 2. Como foi a decisão por esse arranjo?, 3. Como vocês dividem os cuidados com o filho?, 4) O que vocês têm feito para se adaptar a esse arranjo?) e 05 questões solicitando que o genitor fornecesse um valor de 0 a 10. Das questões avaliativas, uma questão solicitava que o genitor avaliasse o seu grau de satisfação com o arranjo, outra que avaliasse o bem estar do filho com o arranjo e as outras três foram elaboradas a fim de levantar medidas sobre a relação coparental dos genitores. (Como você classificaria a sua relação com o genitor/genitora do seu filho em

relação ao nível de conflito entre vocês de 0 a 10?, Como você classificaria a sua comunicação com o genitor/genitora do seu filho sobre as questões envolvendo o filho/a de 0 a 10?, Quanto você considera o genitor/genitora do seu filho/a um bom pai/mãe de 0 a 10?). (ANEXO B)

O questionário SDQ (ANEXO C) foi utilizado com os filhos, na versão autorrelato, ou seja, respondido pelas próprias crianças e adolescentes. Denominado em português como "Questionário de Capacidades e Dificuldades" foi proposto em 1997 por Goodman para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes dos 4 aos 16 anos, fazendo um rastreamento (*screening*) de problemas de saúde mental e, desde seu desenvolvimento, tornou-se o instrumento de pesquisa mais amplamente utilizado para a detecção de problemas relacionados à saúde mental infanto-juvenil. (Saur & Loureiro, 2012). Outros autores já utilizaram o SDQ em pesquisas que avaliavam o bem estar de crianças após a separação como Poortman (2016) e que avaliavam ajustamento psicológico das crianças de famílias com pais separados (Bergström et al., 2014; Lamela, Figueiredo, Bastos, & Feinberg, 2015). O instrumento é apresentado em três versões, podendo ser respondidas pelas próprias crianças (acima de 11 anos), por seus pais ou responsáveis e pelos professores. É composto por 25 questões, em que o participante responde como "falso", "mais ou menos verdadeiro" e "verdadeiro". O escore de cada item varia entre 0 e 2. As questões são divididas em cinco subescalas: escala de sintomas emocionais, escala de problemas de comportamento, escala de hiperatividade, escala de problemas de relacionamento com os colegas e escala de comportamento pró-social. A pontuação para cada uma das subescalas é obtida somando-se o escore dos itens que compõem cada uma, com escore variando de 0 a 10. A pontuação total de dificuldades varia de 0 a 40 e é obtida somando-se as subescalas de hiperatividade, sintomas emocionais, problemas de comportamento e problemas de relacionamento com colegas. A pontuação da escala pró-social não é incorporada na pontuação total de dificuldades, pois a ausência de comportamentos pró-sociais é conceitualmente diferente da presença de dificuldades psicológicas. (Goodman &

Goodman, 2012). Na subescala comportamento pró-social, quanto maior a pontuação, menor é a quantidade de queixas. Nas outras subescalas (hiperatividade, problemas emocionais, de comportamento e de relacionamento), quanto maior a pontuação, maior o número de queixas. A soma das subescalas é classificada em três categorias para identificar as possibilidades de problemas de saúde mental: normal, limítrofe e anormal. A nota de corte para o escore total de dificuldades estabelecida para a população da Inglaterra, local de condução dos estudos originais de padronização do SDQ, foi de 17 para a versão dos pais e 16 para a versão dos professores. A confiabilidade avaliada por Goodman em uma amostra britânica foi satisfatória, avaliada pela consistência interna com média de Cronbach α: 0,73, correlação cruzada de informantes (média: 0,34), ou estabilidade do reteste após 4 a 6 meses (média: 0,62). As pontuações do SDQ acima do percentil 90 previram uma probabilidade substancialmente elevada de transtornos psiquiátricos diagnosticados de forma independente (odds ratio média: 15,7 para escalas de pais, 15,2 para escalas de professores, 6,2 para escalas de jovens). (Goodman, 2001). No estudo de Woerner et al. (2004), foram descritos os dados psicométricos sobre a validade e fidedignidade do SDQ no Brasil. Com relação à validade discriminativa, foram verificadas nesse estudo, diferenças significativas ($p < 0,001$) entre a média do escore total da amostra da comunidade e clínica, para as versões do SDQ respondidas por pais e professores, embora não tenha sido encontrada diferença significativa para a versão de autorrelato (Saur & Loureiro, 2012; Woerner et al., 2004). Para o índice de consistência interna, o alfa de Cronbach apresentou, para as três versões utilizadas, valores próximos de 0,80 (valores para o escore total de dificuldades), sendo para o teste-reteste a correlação de 0,79. Assim, os dados indicam que o SDQ apresentou adequadas propriedades psicométricas aferidas para a população brasileira. (Saur & Loureiro, 2012; Woerner et al., 2004). Apesar de ser indicado no instrumento que a versão de autorrelato fosse aplicada a partir de 11 anos, na presente pesquisa optou-se por utilizar mesmo para algumas crianças menores (a partir de 08

anos) considerando que não se tratava de uma avaliação diagnóstica e sim de uma pesquisa cujo objetivo principal era o de comparar o resultado bruto entre os grupos.

Além do SDQ, utilizou-se o KIDSCREEN-52 (ANEXO D), que também foi respondido pelos próprios filhos. Esse instrumento é de natureza genérica, aplicável em diferentes contextos culturais, satisfaz padrões de qualidade internacional no desenvolvimento de instrumentos e fornece medidas práticas para clínicos e pesquisadores avaliarem o bem-estar e a saúde subjetiva, tanto de crianças e adolescentes saudáveis, como dos que apresentam condição crônica, entre 08 e 18 anos. Sua qualidade psicométrica o tornou um questionário atrativo, mesmo fora dos 13 países europeus em que foi proposto. Em estudo de validação do instrumento no Brasil, este apresentou valores satisfatórios de consistência interna com α de Cronbach com coeficientes entre 0,725 e 0,894. (Guedes & Guedes, 2011).O questionário apresenta no total 52 questões e na versão autorrelato, as crianças/adolescentes assinalam em cada questão como estão se sentindo, levando-se em conta as últimas semanas. As questões estão disponibilizadas em uma escala Lickert de 5 pontos, sendo 1 = “nada” até 5 = “muitíssimo” para algumas questões e 1 = “nunca” até 5 = “sempre” para outras. As questões avaliam 10 dimensões da vida da criança/adolescente conforme descritas abaixo (Júnior, 2010):

1) Saúde e Atividade física. Diz respeito ao bem estar físico, explorando o nível de atividade, energia e aptidão física da criança e/ou adolescente distribuído em 5 questões.

2) Sentimentos. Avalia através de 6 questões o bem-estar psicológico da criança/adolescente, incluindo emoções positivas e satisfação com a vida. As questões procuram compreender até que ponto a criança/adolescente experimenta sentimentos positivos tais como a felicidade e alegria e também reflete a opinião acerca da satisfação com a vida até ao momento.

3) Estado Emocional. Abrange através de 7 questões o quanto a criança/adolescente experimenta sentimentos e emoções depressivas e estressantes, revelando sentimentos como a

solidão, tristeza e resignação. Apresenta pontuação elevada se estes sentimentos negativos forem raros, sentindo-se bem, com bom humor. Uma pontuação baixa implica sentir-se deprimido, infeliz, com mau humor.

4) Autopercepção. Explora, através de 5 questões se a percepção que o jovem tem de si próprio, incluindo a aparência do corpo é positiva ou negativa, avaliando o quão seguro e satisfeito a criança e/ou adolescente se sente consigo próprio e com a sua aparência. Também reflete o valor que a pessoa atribui a si própria e a percepção de quanto positivamente os outros a avaliam. Uma pontuação baixa implica uma imagem corporal negativa, autorrejeição, infelicidade, insatisfação consigo, baixa autoestima, sentindo-se desconfortável com a sua aparência e uma pontuação elevada revela autoconfiança, satisfação com a sua imagem corporal, felicidade consigo mesmo, boa autoestima, de maneira a sentir-se confortável com sua aparência.

5) Autonomia e Tempo livre. Avalia através de 5 questões sobre a liberdade que a criança ou adolescente tem para criar e gerir o seu tempo livre, referindo-se à liberdade de escolha da criança/adolescente, autossuficiência e independência. Também avalia se a criança/adolescente se sente suficientemente provida de oportunidades para participar de atividades sociais no seu tempo livre. Uma pontuação baixa implica sentir-se restringido, oprimido, dependente e uma pontuação elevada revela sentir-se livre, autônomo, independente.

6) Família e Ambiente familiar. Explora em 6 questões a qualidade das interações entre os jovens e os pais ou tutores e os sentimentos da criança/adolescente para com os mesmos, questionando se, na relação familiar, este jovem percebe ser amado, se recebe apoio da família, se o ambiente familiar é confortável e também se sente que o tratam com justiça. Uma pontuação baixa implica sentir-se sozinho, negligenciado, não apreciado, perceber os pais como pouco disponíveis e injustos e uma pontuação elevada revela sentir-se seguro, apoiado e amado, sentir-se compreendido, bem cuidado, perceber pais disponíveis e justos.

7) Aspecto Financeiro. Em 3 itens, avalia a percepção da criança/adolescente sobre ter recursos financeiros que lhe permitam adotar um estilo de vida comparável ao das outras crianças/adolescentes e se permite ter oportunidade para fazer atividades em conjunto com os seus pares. Uma pontuação baixa implica sentir que os recursos financeiros restringem seu estilo de vida pela desvantagem financeira. Uma pontuação elevada revela sentir-se satisfeito com os recursos financeiros.

8) Amigos e Apoio social. Através de 6 questões, explora a natureza das relações da criança/adolescente com seus pares avaliando a qualidade das interações entre os jovens, bem como o suporte percebido das mesmas. As questões abordam como o jovem sente o apoio e aceitação dos amigos, sua capacidade para iniciar e manter relações de amizade e também exploram a extensão em que o jovem experimenta sentimentos positivos de grupo e o quanto é que se sente como fazendo parte de um grupo e respeitado pelos seus pares e amigos. Uma pontuação baixa implica sentir-se excluído, pouco aceito, sem apoio do grupo de pares e incapaz de confiar neles. Uma pontuação elevada revela sentir-se aceito, apoiado e incluído no grupo de pares e capaz de confiar neles.

9) Ambiente Escolar. Esta dimensão explora, através de 6 questões, a percepção que a criança/adolescente tem da sua capacidade cognitiva, aprendizagem e concentração e também inclui a satisfação acerca da sua competência e desempenho escolar. São aqui considerados os sentimentos pela escola e como percebe a sua relação com os professores. Uma pontuação baixa implica que não gosta da escola e/ou dos professores, possui sentimentos negativos acerca da escola e pode envolver baixa capacidade de aprendizagem. Uma pontuação elevada revela sentir-se satisfeito na escola, ter boa capacidade de aprendizagem e estar satisfeito com a vida escolar.

10) Provocação e Bullying. Através de 3 questões, explora sentimentos de rejeição pelos pares na escola, bem como a ansiedade para com o grupo de pares. Uma pontuação

baixa implica sentir-se atormentado, provocado e rejeitado pelos seus pares e uma pontuação elevada revela não se sentir provocado, sentir-se respeitado e aceito pelos seus pares.

A correção das questões foi realizada conforme a metodologia de cálculo específica de correção. Cada opção de resposta da questão tem um valor (de 1 a 5). Para se avaliar os domínios do Kidscreen-52, utilizou-se a seguinte metodologia: a) as questões 1.1, 3.1 a 3.7, 4.3 a 4.5 e 10.1 a 10.3 tiveram a sua pontuação invertida (1 = 5, 2 = 4, 3 = 3, 4 = 2 e 5 = 1), pois a escala é inversa; b) as demais questões mantiveram a sua pontuação original; Para calcular o valor referente a cada dimensão do Kidscreen, somou-se o valor pontuado em cada questão, multiplicou-se por 100 e dividiu-se pelo valor máximo que poderia ser pontuado em cada dimensão a fim obter um percentual (de 20 a 100). Cada uma destas dimensões recebe uma pontuação que podem ser analisadas separadamente ou considerando o cômputo das 10 dimensões, assumindo escore 100 como pontuação máxima e 20 como pontuação mínima. Para calcular o valor total, somou-se a porcentagem obtida em cada dimensão e dividiu-se por 10 (número de dimensões). Não há uma intepretação específica para os resultados do Kidscreen, mas segundo o Manual do Questionário Kidscreen (2005), a maioria da população apresenta valores entre 50 a 60%. Assim, as pontuações acima dessa porcentagem podem ser considerados acima da média.

Procedimentos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 20482619.3.0000.8040). Os genitores que aceitaram participar da pesquisa assinaram previamente o Termo de consentimento esclarecido- TCLE (Anexo E) e os filhos o Termo de Assentimento livre e esclarecido- TALE (Anexo F). Foi agendada com cada genitor uma data para a realização da entrevista e questionário sociodemográfico e em outra data era realizada a

entrevista e aplicação de instrumento com os filhos. Ofereceu-se aos genitores uma devolutiva sobre os resultados dos questionários dos filhos.

Análise de dados

Para a análise dos dados, foram retiradas as questões do questionário sociodemográfico que não coletavam informações significativas (por exemplo, as que todos respondiam da mesma forma ou que os genitores não souberam responder), permanecendo 29 questões. As respostas a estas questões foram categorizadas em opções numéricas. A maioria delas foi utilizada somente para a análise descritiva já que não seria possível fazer correlação com respostas que tinham várias categorias pelo tamanho da amostra. As respostas ao tipo de arranjo, tempo do arranjo, idade da criança, renda dos pais, tempo de casamento dos pais e tempo de separação dos pais, juntamente com as notas fornecidas pelos genitores nas 5 questões objetivas da entrevista e o resultado bruto dos instrumentos e suas subescalas aplicados nas crianças (SDQ e Kidscreen) foram submetidos à análise descritiva e a estatística inferencial não-paramétrica devido ao tamanho da amostra (n = 20). A planilha para essa análise seguiu a ordem dos filhos. Quando haviam dois filhos de um único genitor respondente, os dados fornecidos pelo genitor eram repetidos para os dois filhos. E, nos casos em que houve dois genitores respondentes para um filho, para as respostas que eram diferentes para cada genitor, foi lançada a média da resposta dos dois genitores. Para a análise de correlação entre as variáveis foi utilizado o teste de Spearman e para a análise da diferença entre grupos dos dois diferentes tipos de arranjos foi utilizado o teste U de Mann-Whitney. Os cálculos foram realizados utilizando-se o software *IBM SPSS Statistics* versão 20.0. A significância estatística adotada foi de 5%.

A fim de analisar o conteúdo trazido pelos genitores em relação ao arranjo, procedeu-se a uma análise qualitativa das respostas dos genitores à primeira pergunta da entrevista (sobre

a percepção em relação ao arranjo) através do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) pelo método da classificação hierárquica descendente (CHD), em que os segmentos de texto são classificados de acordo com seus respectivos vocábulos e seu conjunto é dividido com base na frequência das formas reduzidas, formadas a partir do radical das palavras (Camargo & Justo, 2013). A partir das classes trazidas pela CHD, foi realizada uma análise de conteúdo a fim de nomear as classes encontradas. Além da análise da análise do corpus geral (respostas de todos os genitores), a fim de compreender possíveis diferenças entre os arranjos, também procedeu-se a análise separada de dois subcorpus: um composto somente pelas respostas dos genitores com GCRA e outro pelas respostas dos genitores sem GCRA. Aqui considerou-se individualmente a resposta de cada genitor, independente se este tinha um ou dois filhos que participaram da pesquisa. Optou-se por não analisar as outras três perguntas abertas da entrevista já que a maioria das informações trazidas foram informadas nas respostas à primeira pergunta e as outras respostas serviram como um complemento para a pesquisa.

RESULTADOS

As análises descritivas apontaram que o tempo médio que os filhos estavam no arranjo à época da coleta de dados era de 5,1 anos (*dp* = 3,03). Em relação à alternância do contato com os genitores, das crianças do arranjo GCRA, 50% passavam 50/50 do tempo com cada genitor, alternando a cada 2 a 3 dias com definição dos dias; 20% passavam 50/50 do tempo com cada genitor, alternando a cada 1 a 2 dias com definição dos dias; 10% passavam 50/50 do tempo com cada genitor, alternando a residência a cada 15 dias; 10% passavam 50/50 do tempo com cada genitor, alternando a cada 2 a 3 dias sem definição de dias e 10% apresentavam GCRA sem definição nenhuma de dias e de troca. Das crianças do arranjo sem GCRA, 40% conviviam com o genitor não residente (GNR) 1 a 2 dias por semana com pernoite na residência dele, 30% conviviam com o GNR 1 a 2 dias quinzenalmente com pernoite e 30% conviviam com o GNR algumas horas por semana sem pernoite.

Em relação à frequência do contato com a família extensa materna (avós, tios, primos e etc.), das crianças que tinham convívio pois os familiares residiam na cidade, a maioria (um terço) convivia a cada 15 dias no grupo sem alternância de residência e 50% convivia uma a três vezes por semana no grupo com alternância de residência. Sobre a frequência do contato com a família extensa paterna, das crianças que mantinham algum convívio, 75% mantinha contato todos os dias ou de uma a três vezes por semana no grupo sem GCRA. No grupo sem GCRA, 50% mantinha contato todos os dias.

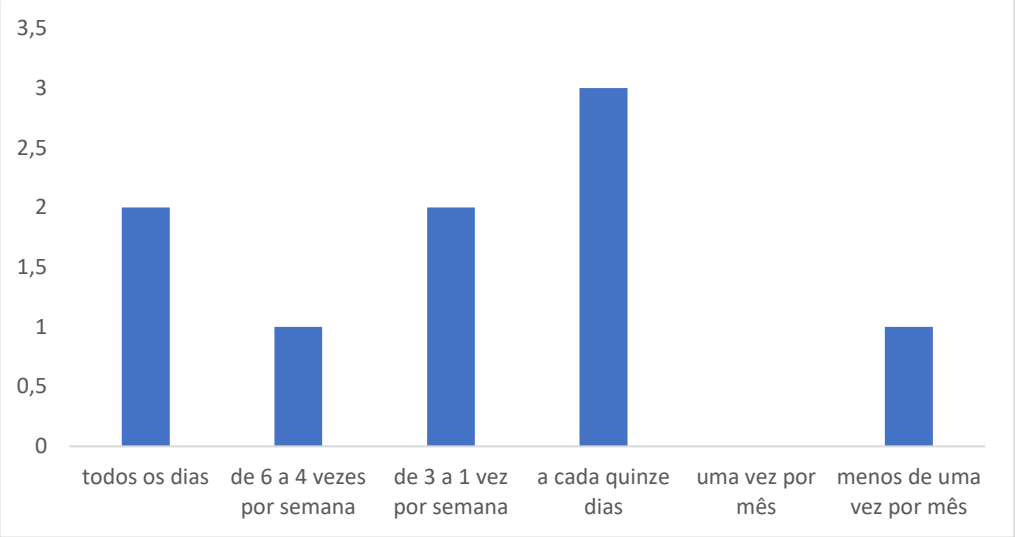

Figura 1. Frequência contato família materna - sem GCRA

Figura 2. Frequência contato família materna - com GCRA

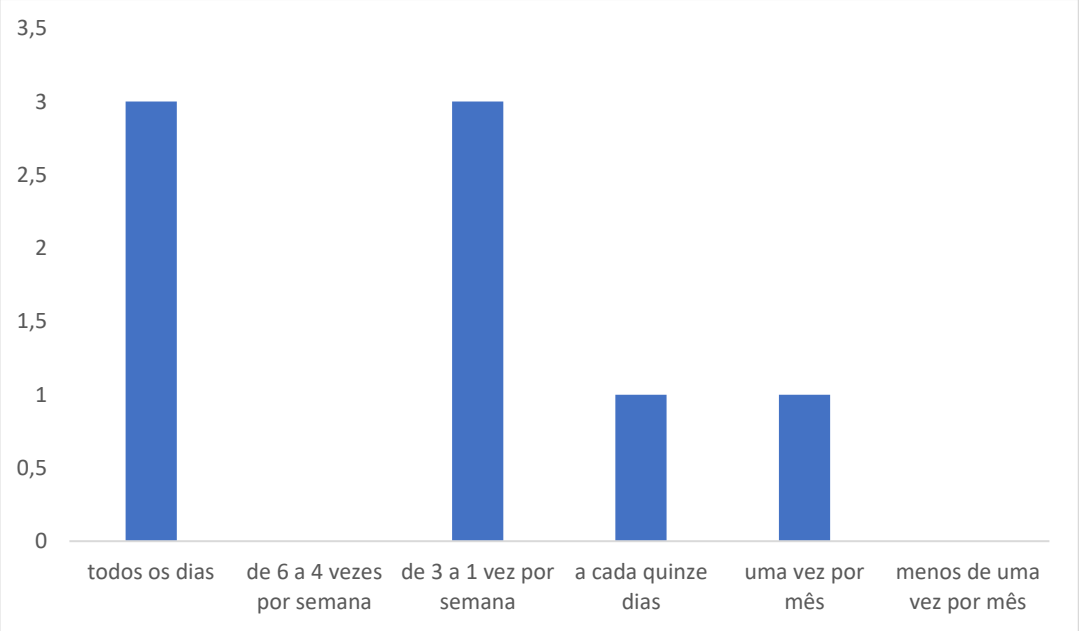

Figura 3. Frequência contato família paterna - sem GCRA

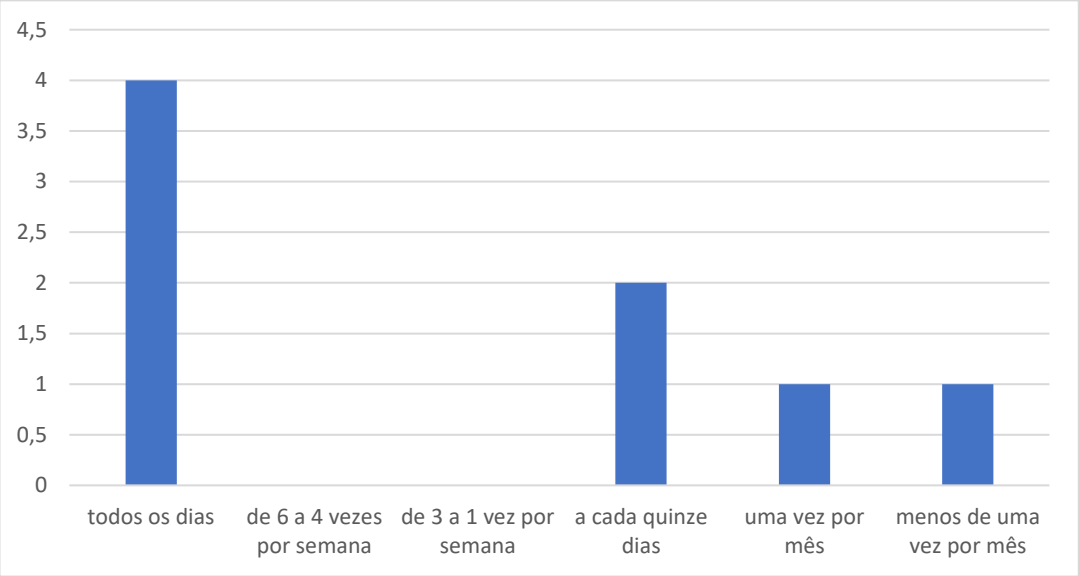

Figura 4. Frequência contato família paterna- com GCRA

Sobre a satisfação com a renda financeira, 45,5% dos genitores sem GCRA avaliaram sua renda como média em relação aos gastos e, dos genitores com GCRA, 44, 4% consideraram

também a renda como média, com a diferença de que, nos genitores com GCRA houve mais respostas considerando a renda acima da média. 44,5% dos genitores GCRA consideram sua renda muito boa ou boa e, dos genitores sem GCRA, 36,6% consideraram como muito boa ou boa.

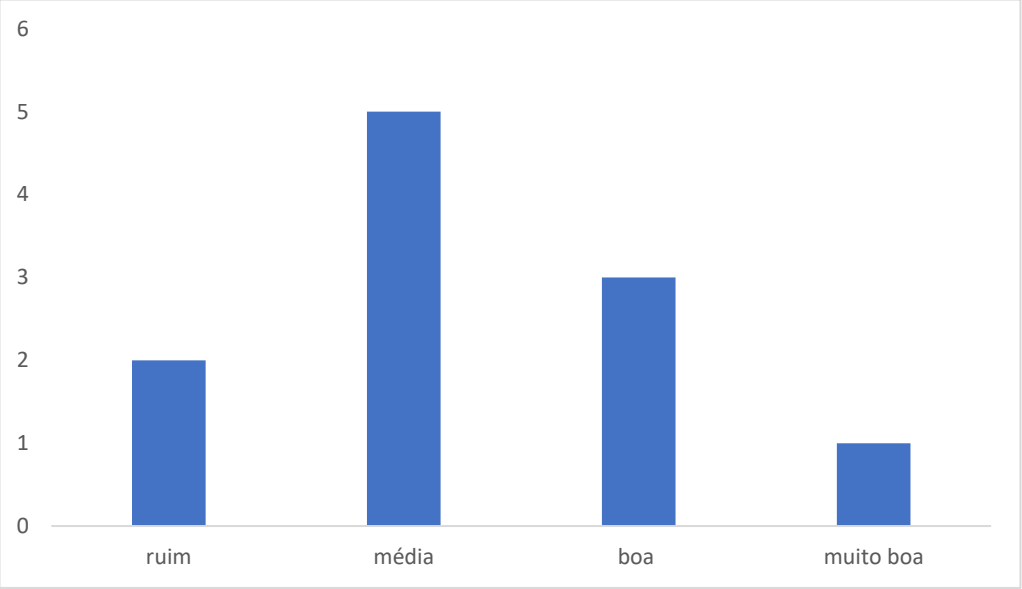

Figura 5. Avaliação da renda - sem GCRA

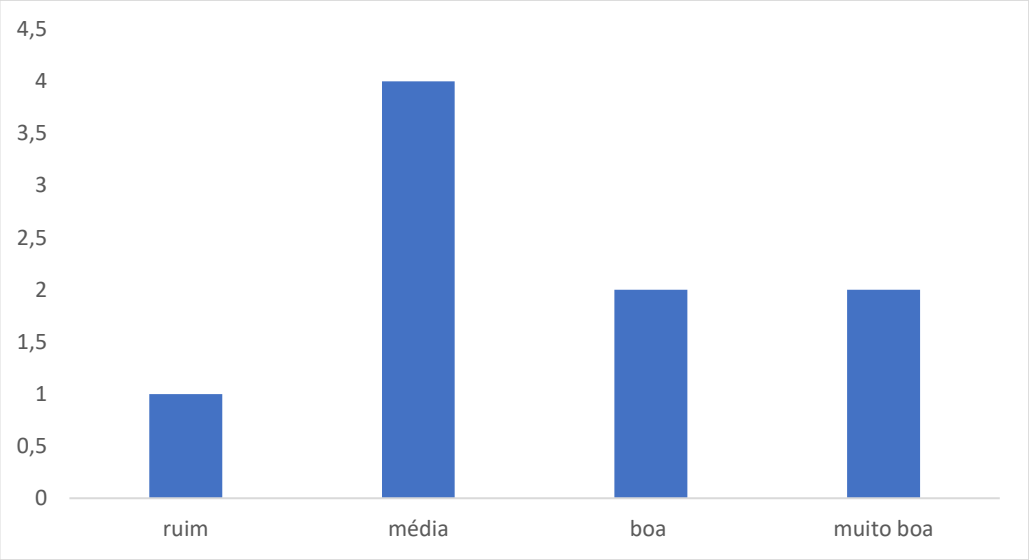

Figura 6. Avaliação da renda - com GCRA

Em relação à satisfação com o lazer e vida social, 63,3% dos genitores sem GCRA avaliaram como “bom” e 55,5% dos genitores com GCRA consideraram como “muito bom”.

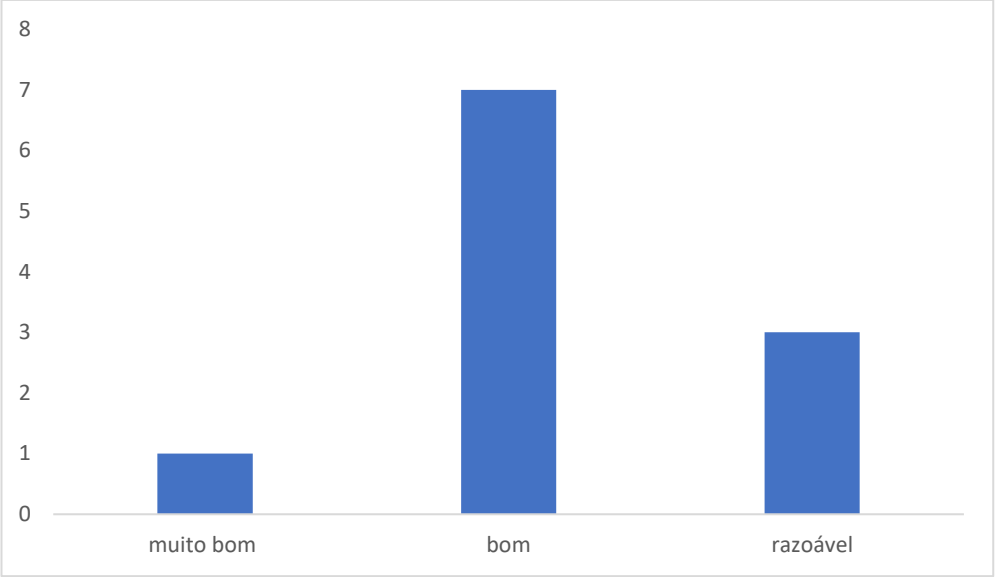

Figura 7. Satisfação com Lazer e vida social - sem GCRA

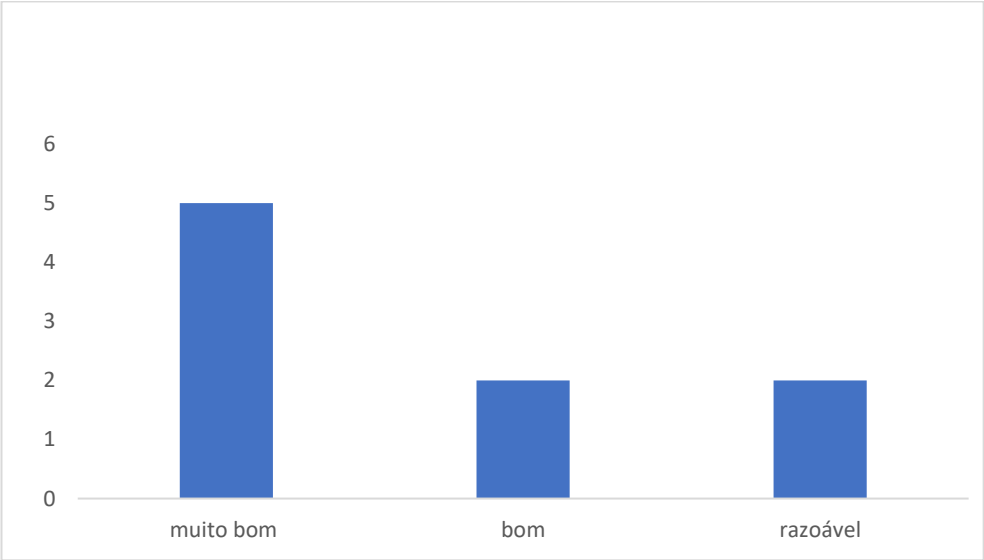

Figura 8. Satisfação com Lazer e vida social- com GCRA

Em resumo, esses dados sobre a as famílias da pesquisa apontam que, em relação à convivência com os genitores, os filhos em GCRA costumam dividir o tempo entre as duas

residências em 50 a 50% e 80% das famílias praticam períodos de alternâncias curtos entre a residência materna e paterna (de 1 a 3 dias) sendo que somente 1 criança (10%) alternava a cada 15 dias e 1 (10%) não tinha períodos definidos. Das crianças sem GCRA, 40% tem contato com o genitor não residente toda semana e 60% a cada quinze dias ou menos. Destas, 70% pernoitam na casa do pai e 30% não pernoite. Em relação ao convívio com a família extensa, alguns filhos dos dois arranjos não tinham convívio em função dos familiares residirem longe da cidade. Das crianças que tinham família extensa próxima, a frequência do contato era maior tanto em relação a família paterna extensa como à materna para o grupo de GCRA. Sobre avaliar sua renda em relação às necessidades, mais genitores com GCRA consideraram a renda acima da média do que os genitores sem GCRA e os genitores em GCRA também avaliaram melhor sua satisfação com lazer e vida social dos que os genitores sem GCRA.

Resultados dos dados coletados com os filhos

Ao analisar os resultados dos instrumentos (SDQ e Kidscreen 52) aplicados com os filhos, a média do resultado bruto no SDQ de todas os filhos foi de 14,25 (dp = 6,11), lembrando que, nesse instrumento, quanto maior a pontuação, maior o número de queixas, com exceção da subescala pró-social que, quanto maior a pontuação, melhor está a criança em relação à sociabilidade. Considerando a interpretação do questionário, este resultado estaria dentro do "normal" que vai de 0 a 15, onde estariam cerca de 80% das crianças. (https://www.repository.utl.pt/bitstream). A Figura 9 mostra a distribuição dos resultados de toda a amostra conforme a interpretação.

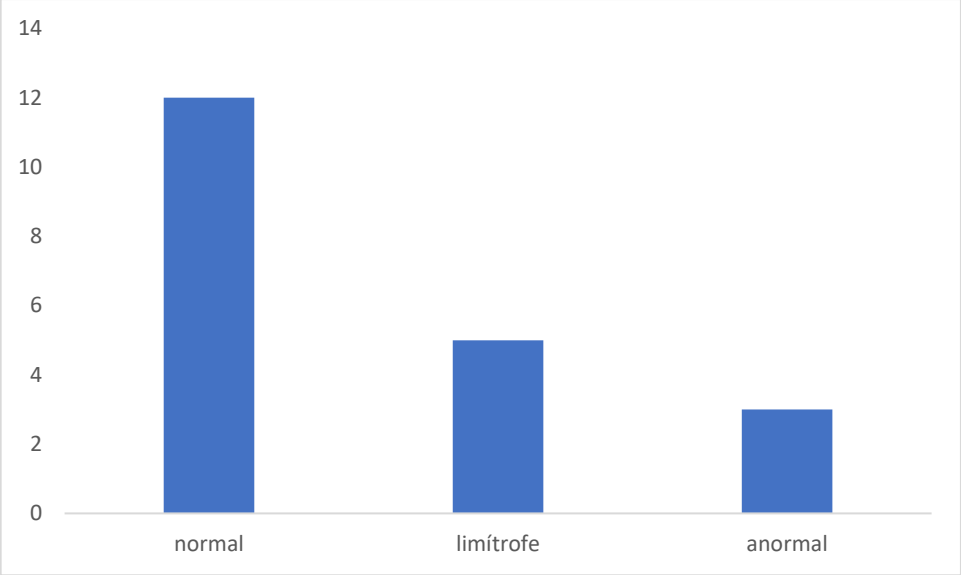

Figura 9. Distribuição dos resultados SDQ conforme a interpretação

Para os filhos com arranjo GCRA o resultado bruto médio do SDQ foi de 16,7, com dp de 4,7 e, para os sem GCRA o resultado bruto médio do SDQ foi de 11,8 (*dp*= 6,5).

Em relação ao instrumento Kidscreen 52, a média do resultado bruto foi de 81,3 (*dp* =7,2). Para os filhos com arranjo GCRA o resultado médio ficou em 81,5, (*dp*= 7,7 e para os sem GCRA o resultado médio foi de 81,2 (*dp*=7). Apesar de não haver uma interpretação específica para o Kidscreen, resultados acima de 61% podem ser considerados acima da média (Manual do Kidscreen). Conforme observa-se na Figura 10 todos os resultados ficaram localizados no terceiro e quarto quartis, acima de 61% com a maioria dos resultados acima de 80%

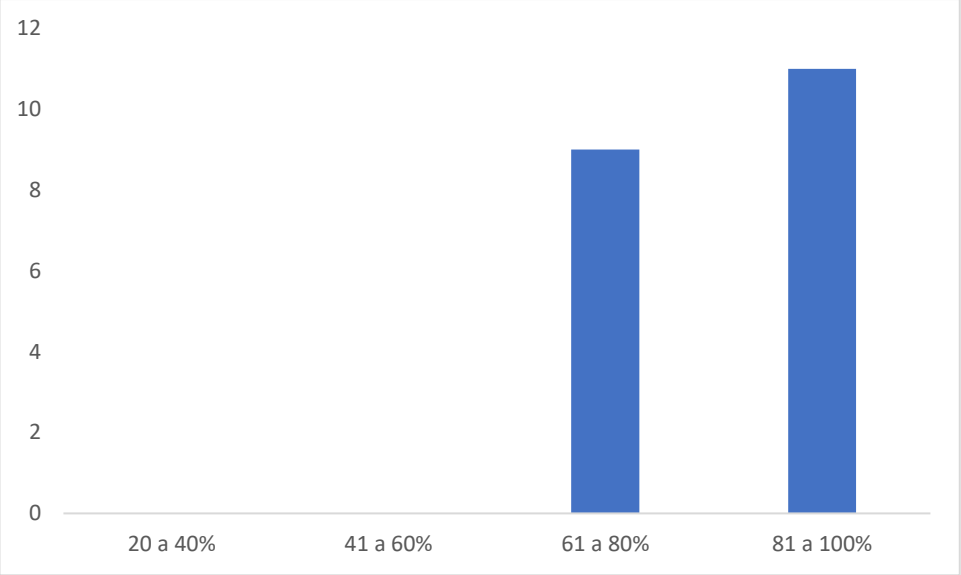

Figura 10. Distribuição resultados do Kidscreen por quartil

A Tabela 1apresenta as médias gerais e também os resultados em cada subescala.

Tabela 1

Médias dos resultados dos instrumentos e subescalas

Instrumentos e subescalas	Amostra geral		Arranjo GCRA		Arranjo sem GCRA	
	M	*DP*	*M*	*DP*	*M*	*DP*
SDQ total	14,25	6,1	16,7	4,7	11,8	6,5
SDQ escala sintomas emocionais	4,4	2,7	5,1	2,0	3,7	3,3
SDQ escala problemas de comportamento	2,3	1,7	3	1,8	1,7	1,3
SDQ escala hiperatividade	5,1	2,2	6	2,1	4,2	2,2

SDQ escala problemas de relacionamento com colegas	2,4	1,6	2,6	1,7	2,2	1,7
SDQ escala comportamento pró social	7,7	1,6	8,5	1,1	7	1,8
Kidscreen total	81,3	7,2	81,5	7,7	81,2	7,0
Kidscreen escala saúde física	70	10,3	64,8	9,9	75,2	8,1
Kidscreen escala sentimentos	84,4	9,8	85,3	9,9	83,6	10,1
Kidscreen escala estado emocional	76,4	11,9	73,9	12	78,8	11,9
Kidscreen escala autopercepção	83	12,8	86	10,8	80	14,4
Kidscreen escala autonomia e tempo livre	79	12,4	76,4	12,2	81,6	12,6
Kidscreen escala família/ ambiente familiar	84,9	10,6	86,6	10,0	83,3	11,5
Kidscreen escala aspectos financeiros	82,1	17,6	81,6	15,4	82,6	20,4
Kidscreen escala amigos e apoio social	79,8	17,6	82,3	15,3	77,3	20,2
Kidscreen escala ambiente escolar	80,4	12,1	81	14,3	79,9	10,1
Kidscreen escala provocação/bullying	88,6	13,7	87,3	17,6	89,9	9,0

Realizando o teste de U de Mann-Whitney a fim de verificar a diferença entre os grupos quanto aos resultados dos instrumentos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na pontuação geral do SQD entre filhos com arranjo de alternância de residência e de filhos sem alternância de residência (U = 27,0; *p* = 0,08). Tampouco verificou-se esta diferença entre as subescalas do SQD (*p* > 0,05). Também não foi encontrada diferença estatisticamente significativa na pontuação geral do Kidscreen entre filhos com arranjo GCRA e de filhos sem GCRA (U = 48,0; *p* = 0,88). No entanto, encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa na subescala de Saúde (U = 21,5; *p* = 0,029), com pontuações maiores para os arranjos sem alternância de residência (md = 72; m = 75,2; dp = 8,18) em comparação com os arranjos com alternância (md = 64; m = 64,8; dp = 9,94). O cálculo do tamanho do efeito indicou uma magnitude moderada (d = -0,49) de acordo com Cohen (1988). Nas demais escalas do Kidscreen não se verificou diferenças estatisticamente significativas (*p* > 0,05).

As Figuras 11 e 12 apresentam as linhas dos resultados brutos dos dois instrumentos comprando-os entre os dois tipos de arranjo.

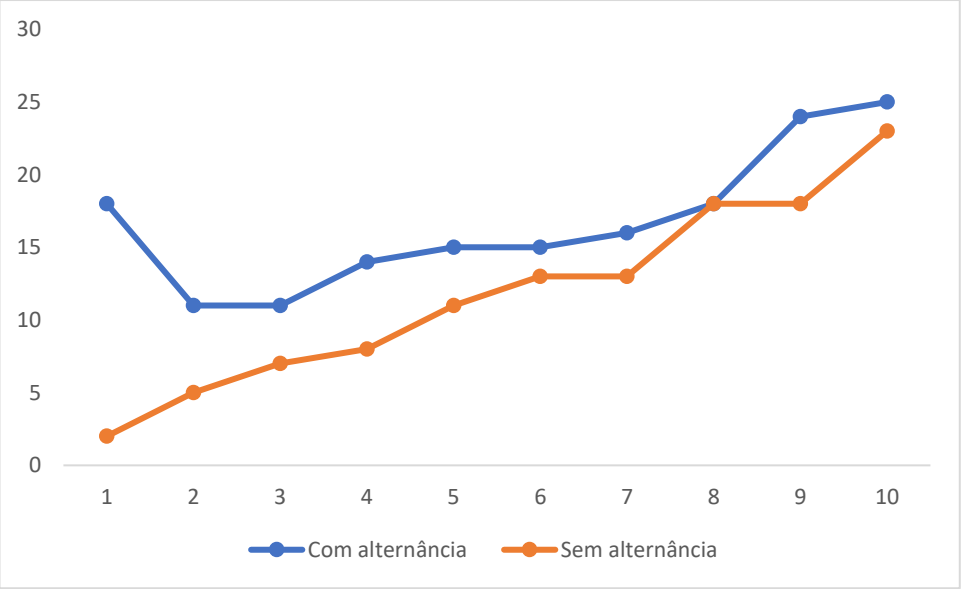

Figura 11. Comparação dos resultados do SDQ dos dois grupos

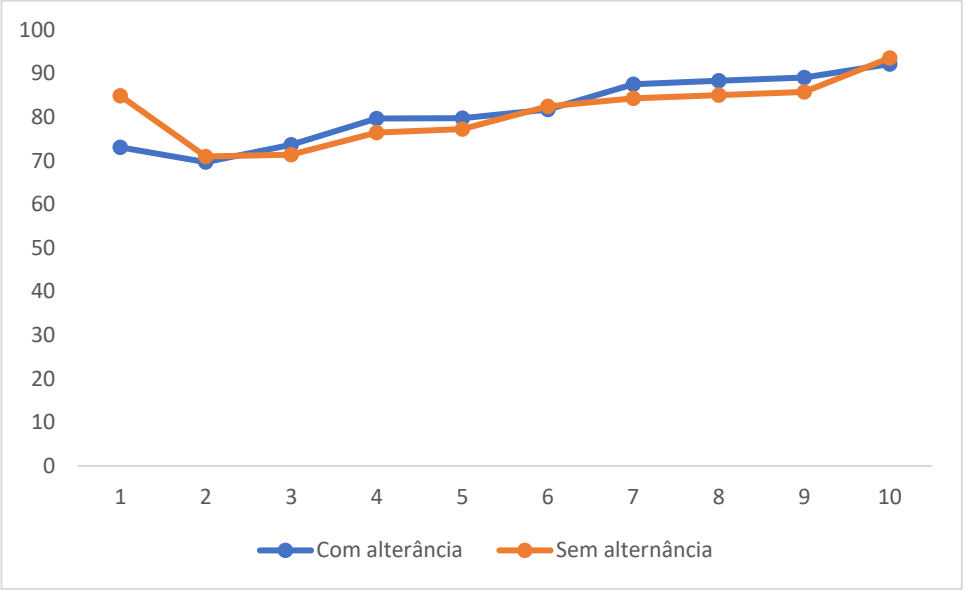

Figura 12. Comparação dos resultados do Kidscreen dos dois grupos

Resultados dos dados coletados com os genitores

Analisou-se quantitativamente as respostas fornecidas pelos genitores em relação às cinco perguntas objetivas da entrevista (satisfação deles com o arranjo, bem estar dos filhos com o arranjo, sobre a ausência de conflito entre ele e o outro genitor, sobre a comunicação entre ele e o outro genitor e sobre a parentalidade do outro genitor) onde eles forneceram um valor em uma escala de 0 a 10, conforme verificado na Tabela 2. Sobre a satisfação com o arranjo, a média das respostas dos genitores foi 7,7 (*dp* = 2,5). Em relação ao bem estar dos filhos, a média da nota informada foi 8,4 (*dp* 1,46). Sobre a ausência de conflito entre os genitores a média foi de 6,9 (*dp* =2,7). Sobre a comunicação entre os genitores a média foi de 6,9 (*dp* =2,7). Sobre a avaliação da parentalidade do outro genitor, a média foi de 8,3 (*dp* =1,6).

Tabela 2

Nota média para as respostas dos genitores

Questões	Amostra geral dos genitores	Genitores com arranjo GCRA	Arranjo sem GCRA
Satisfação com o arranjo	7,7	8,3	7,2
Avaliação do bem estar dos filhos com o arranjo	8,4	8,3	8,5
Ausência de conflito entre ele e o outro genitor	6,9	6,2	7,4
Comunicação com o outro genitor	6,9	7,1	6,7
Parentalidade do outro genitor	8,3	8,6	8

Ao analisar estatisticamente as diferenças destas variáveis entre os dois grupos de filhos de cada arranjo, considerando a nota fornecida pelo seu respectivo genitor, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa em relação à satisfação dos pais com o arranjo (U = 37,0; p = 0,328), em relação a avaliação do bem estar do filho (U = 44; p = 0,656), conflito entre genitores (U = 37,5; p = 0,370), comunicação entre genitores (U = 49,0; p = 0,969) e avaliação do outro genitor (U = 40,0; p = 0,459).

Correlação dos dados coletados com os filhos e com os genitores

Utilizando-se a análise de correlação de Spearman para correlacionar as variáveis entre si, tantos os resultados dos instrumentos dos filhos como as respostas fornecidas por seus respectivos genitores, encontraram-se os seguintes resultados que estão descritos na Tabela 3. Ressalta-se que, para os filhos que tiveram como genitores respondentes os dois pais, considerou-se como dado relativo ao genitor a média da resposta dos dois genitores. As questões que não obtiveram correlação significativa não foram elencadas abaixo.

Tabela 3

Correlação das variáveis por meio da correlação de Spearman

		Tempo do arranjo	Idade do filho	Renda dos pais	Tempo de casamento dos pais	Tempo da separação pais	Satisfação dos pais com o arranjo	Avaliação dos pais do bem estar do filho com o arranjo	Ausência de conflito entre genitores	Comunicação entre genitores	Avaliação da parentalidade do outro genitor	SDQ total	Kidscreen total
Tempo do arranjo	*rho*	1,000	,359	-,014	,179	**,819****	,269	,237	,099	,373	,226	,265	-,058
	p		,120	,953	,451	**,000**	,252	,314	,678	,105	,337	,259	,810
Idade do filho	*rho*	,359	1,000	,206	**,528***	**,536***	,087	,013	,215	,310	,301	-,415	,105
	p			,384		**,015**	,715	,956	,363	,183	,197	,069	**,659**
Renda dos pais	*rho*	-,014	,206	1,000	-,268	,068	,261	,051	,276	,365	,072	-,057	-,087
	p	,953	,384		,254	,776	,267	,831	,238	,114	,763	,812	,716
Tempo de casamento dos pais	*rho*	,179	**,528***	-,268	1,000	,240	-,147	-,124	,022	,064	,159	-,056	,022
	p	,451	**,017**	,254		,308	,538	,602	,928	,788	,503	,815	,927
Tempo da separação pais	*rho*	**,819****	**,536***	,068	,240	1,000	,173	,150	,076	,205	,369	,053	-,065
	p	**,000**	**,015**	,776	,308		,466	,527	,750	,386	,109	,824	,787
Satisfação dos pais com o arranjo	*rho*	,269	,087	,261	-,147	,173	1,000	**,632****	,300	**,467***	**,815****	,132	,016
	p	,252	,715	,267	,538	,466		**,003**	,199	**,038**	**,000**	,578	,946
Avaliação dos pais do bem estar do filho com o arranjo	*rho*	,237	,013	,051	-,124	,150	**,632****	1,000	,382	,068	**,461***	-,121	,350
	p	,314	,956	,831	,602	,527	**,003**		,096	,777	**,041**	,613	,130
Ausência de conflito entre genitores	*rho*	,099	,215	,276	,022	,076	,300	,382	1,000	**,696****	,296	-,410	**,530***
	p	,678	,363	,238	,928	,750	,199	,096		**,001**	,205	,073	**,016**
Comunicação entre genitores	*rho*	,373	,310	,365	,064	,205	,467*	,068	,696**	1,000	,388	-,017	,011
	p	,105	,183	,114	,788	,386	,038	,777	,001		,091	,945	,964
Avaliação da parentalidade do outro genitor	*rho*	,226	,301	,072	,159	,369	**,815****	**,461***	,296	,388	1,000	-,001	,125
	p	,337	,197	,763	,503	,109	**,000**	**,041**	,205	,091		,997	,601
SDQ total	*rho*	,265	-,415	-,057	-,056	,053	,132	-,121	-,410	-,017	-,001	1,000	**-,542***
	p	,259	,069	,812	,815	,824	,578	,613	,073	,945	,997		**,013**
Kidscreen total	*rho*	-,058	,105	-,087	,022	-,065	,016	,350	**,530***	,011	,125	**-,542***	1,000
	p	,810	,659	,716	,927	,787	,946	,130	**,016**	,964	,601	**,013**	

Excluindo-se as correlações já esperadas (tempo de separação e tempo do arranjo; idade da criança e tempo do casamento dos pais, idade da criança e tempo de separação dos pais), verificou-se então correlação significativa entre as variáveis: a) a satisfação dos pais com o arranjo e avaliação da parentalidade do outro genitor (correlação positiva e forte, *rho* = 0,82; *p*

< 0,001); b) entre a satisfação dos pais com o arranjo e avaliação dos pais do bem estar do filho com o arranjo (correlação significativa, positiva e moderada, *rho* = 0,63; *p* = 0,003), c) entre a ausência de conflito entre genitores e comunicação entre eles (correlação significativa, positiva e forte, *rho* = 0,70; *p* = 0,001), d) entre a satisfação dos pais com o arranjo e comunicação entre os genitores (correlação significativa, positiva e moderada, *rho* = 0,47; *p* = 0,038), e) entre a avaliação dos pais do bem estar do filho com o arranjo e avaliação da parentalidade do outro genitor (correlação significativa, positiva e moderada, *rho* = 0,46; *p* = 0,041), e) entre o resultado geral do Kidscreen (dado coletado com os filhos) e a ausência de conflitos entre genitores (correlação significativa, positiva e moderada, *rho* = 0,53; *p* = 0,016).

Correlacionando-se a ausência de conflito entre genitores e as subescalas do Kidscreen encontrou-se uma correlação significativa, positiva e moderada com as subescalas aspectos financeiros (*rho*= 0,61; *p* = 0,04) e com ausência de bullying (*rho*= 0,053; *p* = 0,17). As demais subescalas não obtiveram significância na correlação com o nível de conflitos.

A análise qualitativa dos dados coletados com os genitores

Foram analisados o conteúdo das respostas dos genitores à primeira pergunta da entrevista (sobre a percepção deles em relação ao arranjo atual) qualitativamente através do *software Iramuteq*, chegando-se a três análises: 1) do corpus geral (considerando as respostas dos 20 genitores entrevistados, 2) do subcorpus arranjo com alternância (considerando as respostas dos 9 genitores entrevistados que tinham GCRA); 3) do subcorpus arranjo sem alternância (considerando as respostas dos 11 genitores entrevistados, que não tinham GCRA). O conteúdo textual resultante ocorreu através da Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que obteve classes de segmentos de texto que apresentavam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes. Por meio dessas análises, o *software* apresentou um dendograma da CHD, ou seja, uma representação da

partição e uma indicação do tamanho das classes. O corpus geral foi constituído por 20 textos separados em 451 segmentos de textos (ST) com aproveitamento de 353 STs (78,27%). Foram definidas para cada participante a variável sexo (sexo masculino para os pais, feminino para mães), arranjo que pertenciam (o arranjo com alternância de residência e o arranjo sem alternância de residência) e tipo de residência do genitor (com residência do filho ou genitor não residente – GNR). Todos os genitores do arranjo GCRA foram identificados como genitores residentes. Dos genitores sem GCRA, os genitores com quem a criança reside e passa a maior parte do tempo foram identificados como genitores residentes e o genitor com que a criança não reside foi identificado para GNR (genitor não residente). Em cada análise foram inseridos segmentos de textos das falas dos genitores que representam o conteúdo trazido. Os nomes dos genitores e filhos nos segmentos de textos foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar o anonimato dos participantes. Ao final de cada segmento, utilizou-se “g.” seguido do número correspondente ao genitor que respondeu.

A Tabela 4 exibe o nome das classes que mais surgiram em cada análise.

Tabela 4

Classes do corpus total e de cada grupo de genitores, conforme o arranjo.

Amostra total de genitores	Genitores com alternância de residência	Genitores sem alternância de residência
Relação casal parental	O filho escolhe	Relação casal parental
Flexibilidade para o filho transitar	A importância de conciliar	Relação dos filhos com o GNR
Parentalidade do outro genitor	As dificuldades	Flexibilidade
Satisfação pessoal	Como nos adaptamos	Ausência
Referências		
Ausência		

Análise 1: Corpus total dos genitores

Analisando o conteúdo trazido por todos os genitores entrevistados, na análise de categoria hierárquica descendente, emergiram 15644 ocorrências (palavras, formas e vocábulos). O conteúdo analisado foi categorizado pelo programa em seis classes: classe 1 com 72 ST (20,4%), classe 02 com 74 ST (21%), classe 03 com 59 ST (16,7%), classe 4 com 51 ST (14,4%), classe 5 com 49 ST (13,9%) e classe 6 com 48 ST (13,6%).

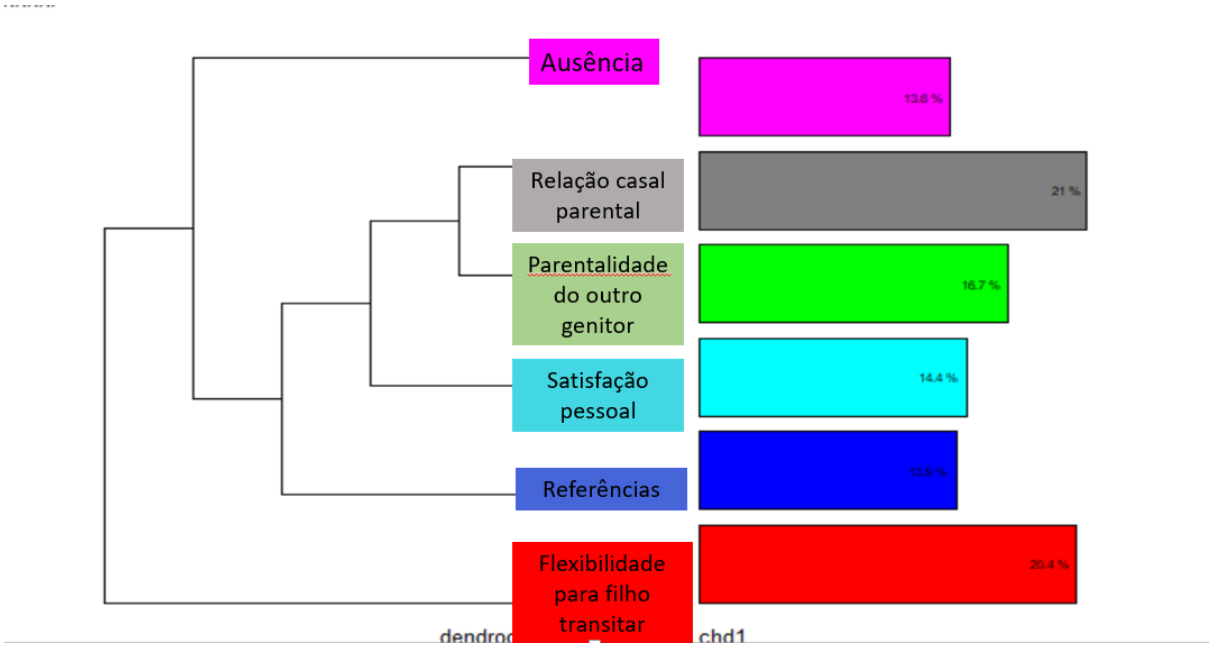

Figura 13. Dendograma a partir da Classificação Hierárquica Descendente

Figura 14. Dendograma com as palavras de cada classe

Ao realizar a análise do contéudo dos segmentos textuais de cada classe, elas foram nomeadas de seguinte forma:

Classe 1: “Flexibilidade para o filho transitar”

Classe 2: “Relação entre o casal parental”

Classe 3: “Parentalidade do outro genitor”

Classe 4: “Satisfação pessoal”

Classe 5: “Referências”

Classe 6: “Ausência”

Ao verificar a correlação das classes com as variáveis, encontram-se as seguintes correlações significativas: na classe “Satisfação pessoal” para o sexo feminino com qui quadrado de 5,25 e p de 0,021; na classe “Referências” para o arranjo GCRA com qui quadrado de 10,84 e p de 0,0009 e para genitores que estão com a residência dos filhos (genitores residentes) com qui quadrado de 6,86 e p de 0,008; e na classe “Ausência” para o arranjo

GCRA, com qui quadrado de 18,53 e p <0,0001, para o sexo masculino, com qui quadrado de 9,44 e p de 0,002 e para o genitor que não tem a residência do filho (genitor não residente) com qui quadrado de 8,54, com p de 0,003.

Abaixo serão apresentados os conteúdos dos segmentos de textos (ST) das classes conforme a ordem em que mais apareceram e algumas falas dos genitores que ajudam a compreender de forma ilustrativa o conteúdo da classe e o contexto de seus elementos.

Classe “Relação entre o casal parental”

Essa classe foi responsável por 21% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “medo”, “querer”, “compartilhar”, “casal”, “conversar”, “ceder”, “magoar”, “problema”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se à colaboração, acordo ou falta destes entre os dois genitores, sobre o outro genitor permitir ou não ver o filho a qualquer momento e sobre mágoas e situações não resolvidas entre eles bem como a superação disso em prol do bem estar do filho.

> Eu tenho que o que mais impede que isso flua tranquilamente (GCRA) é a relação entre os dois (genitores) mesmo pelo que passou, pela história toda, sei lá, mágoas, coisas não superadas. (g. 09)

> [...] quando a gente se separou, ela (filha) começou a entender, ela viu que não tem mais isso, então eu sempre procurei falar coisas positivas em relação a mãe, eu nunca falei que ela é uma má pessoa” (g.09)

> [...] isso tem que ficar bem estabelecido, que se é pai e mãe a vida inteira, o casal talvez não, mas o pai e a mãe sempre vão ser. Em um primeiro momento foi um pouquinho mais doloroso. Não vou dizer que é fácil, mesmo eu estudando e tudo foi difícil para mim, achei que não seria, mas foi” (g.16)

> A gente nunca teve problema com essa divisão tanto que, às vezes no começo, mais no começo, essas brigas de casal, não que a gente queria mas eu percebo que é normal um ficar alfinetando o outro. Então eu sempre cedia. Se não era eu, era ele, se a gente queria no mesmo final de semana por exemplo, agora a gente pergunta para ela (filha) porque ela já é maiorzinha" (g. 18)

> [...] quem viu problema nisso foi o pai porque depois ele veio brigar, não seria o termo certo, veio assim questionar que depois eu iria querer os dias a mais que o menino ficou lá na casa do pai dele. Eu não vejo problema, a gente compensa isso depois, mas ele vê problema, para mim estou levando de boa porque sou uma pessoa tranquila, mas eu não acho que seja bom não (a GCRA). (g. 14)

Classe "Flexibilidade para o filho transitar"

Essa classe foi responsável por 20,4% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas relacionadas ao tema são: "semana", "pegar", "aqui", "lá", "buscar", "perguntar", "dormir", "quarto". Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se a adaptações que os genitores e as crianças fizeram sem manter rigidez nos dias e horários e às crianças poderem escolher como fazer esse trânsito.

> [...] cinco dias aqui e de repente ele vai para lá (casa do pai) e quer ficar uma semana lá e não quer vir para cá, ele que está escolhendo mais, a gente está deixando ele bem a vontade até por conta do emocional, tem dias que ele está bem sensível. (g. 02)

> Sempre que o pai dele me mandava mensagens eu dizia filho, o papai quer vir te buscar amanhã para você passar três dias na casa dele, tudo bem para você?

> Ele dizia oba mamãe. Então vai arrumar suas malas que você vai com o papai e daqui a três, quatro dias você volta. (g. 05)

> Eu saio do trabalho e já pego a Gal que é lá perto da Vila A, no meu local e também pego no piano no Centro. Acho bom porque tenho contato direto com elas nos dias definidos e, nos outros dias eu pego na natação, eu jogo tênis, a Gal joga tênis lá no mesmo local. Eu saio do tênis, ela fica me esperando, deixo ela em casa. (g. 19)

> Volta e meia tem uma roupa que ela (filha) quer, ela quer usar no final de semana que está aqui (quando a filha está na casa do pai), mas ela pega a chave, ela entra aqui em casa, pega a roupa dela e vai embora. (g. 06)

Classe “Parentalidade do outro genitor”

Essa classe foi responsável por 16,7% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “pedir”, “bom”, “relação”, “tranquilo”, “conhecer”, “interferir”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se a forma de ser do outro genitor como pai ou mãe, à participação dele nos cuidados com o filho, como lida com os conflitos na presença do filho, às diferenças na educação do filho e as dificuldades na comunicação entre os genitores sobre o filho.

> A sensação que eu tenho é que ele (genitor) arranja motivo para esse conflito e aí me dá um certo desconforto de estar no meio daqueles conflitos e principalmente de o meu filho estar vendo esse conflito, porque ele (genitor) não tem a noção do quanto o filho está vendo isso e está vendo ele brigar, ele reclamar de coisas como a pensão, de cansaço, como se o filho fosse um peso. (g. 01)

> A gente sempre tentou segurar o Bach (filho) para que ele não ficasse no meio dessas confusões, eu então eu me sinto muito satisfeito, eu acho que o Bach também está super tranquilo e não passa necessidade nenhuma. (g. 15)

> Eu gostaria que o pai fosse mais responsável, participativo, em relação a essas coisas mais sérias como escola, que ele dividisse mais, fosse atrás, que ele estudasse junto e isso não me satisfaz, senão seria ótimo. (g.02)

> Para elas (filhas) está bom, elas estão super bem, está maravilhoso para ele (pai), mas para mim está pesado, não tenho apoio da parte dele de dividir as responsabilidades sobre elas. (g. 13)

> A mãe cobra outra coisa, outra rotina, outra forma de pensamento, então isso dá bastante divergência, isso é o ponto principal. E as crianças são espertas, os bichinhos são muito espertos e eles sabem jogar com a cabeça de cada um, então se a gente não ficar esperto em relação a isso, isso pode prejudicar. (g. 09)

Classe “Satisfação pessoal”

Essa classe foi responsável por 14,4% dos segmentos de textos analisados e aparece mais nas falas das mães. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “conseguir”, “bacana”, “cansar”, “organizar”, “trabalhar”. Ao analisar os ST dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se à satisfação pessoal do participante em relação ao arranjo, o que é ou não bom para ele. Os genitores nessa classe expressam por cansaço em função da falta de rotina, sobrecarga por cuidarem mais do filho do que o outro genitor e insatisfação por estar pouco tempo com o filho. Sobre o que lhe deixa satisfeitos, são citadas a liberdade com o tempo que lhe sobra para tarefas pessoais em

função de o filho estar na residência do outro genitor, satisfação por ter um contato frequente com o filho.

> Tenho que lavar roupa, tenho que fazer comida, então seria muito legal se ele (genitor) passasse por essa fase também porque ele não passa, ele só trabalha, ele só faz o dinheiro dele e tem alguém, eu faz essa parte ainda por ele. (g.03)

> Eu não tenho informações (sobre o filho), elas são ocultadas e eu fico sabendo um tempo depois que já aconteceu algo com ele e pela questão do tempo, eu acho que é muito pouco tempo comigo e com a minha família. (g. 20)

> [...] então eu acho que isso foi bacana, assim a gente consegue acompanhar os eventos da escola e a gente consegue ter uma percepção diária do que está acontecendo com ela (filha) porque o intervalo da alternância é bem reduzido. (g. 08).

> Algumas vezes isso me cansa (a GCRA) mas acho que é normal, nada que me afete demais e para mim é bom porque eu gosto, por exemplo, hoje eu estou sozinha e o Amadeus foi para lá de manhã, é o momento que eu consigo não fazer nada ou fazer alguma coisa só voltada para mim mesmo, então essa rotina é ótima para mim. (g. 02)

Classe “Referências”

Essa classe foi responsável por 13,9% dos segmentos de textos analisados e apareceu mais nas falas de genitores com GCRA e nos genitores que tinham a residência do filho (dos dois tipos de arranjos). Algumas das palavras que aparecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “morar”, “diferente”, “referência”, “vida e viver”, “segurança”, “perder”, “lado”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos

referem-se a diferentes referências para os filhos: familiares dos dois genitores, a ter uma ou duas residências como referência e ao cuidado em fornecer referências para a criança no processo de separação.

> Eu não quero que ela se sinta uma intrusa lá (na casa do genitor), eu quero que ela se sinta em casa e eu tenho que dar esse suporte, eu tenho que dar essa segurança para ela. (g. 16)

> A minha percepção é que o Chopin (filho) se sente seguro tendo uma referência, então por mais que ele vá na casa do pai, ele sabe que está lá a passeio, então o fato de ele passar mais tempo comigo faz com que ele tenha essa segurança, essa referência. (g. 04)

> As pessoas dizem assim, que eles (filhos) não têm referência (por ser GCRA), que eles não sabem onde é a casa. Isso não é verdade, isso nunca aconteceu. Eles sabem que as duas casas são as casas deles e as duas famílias são as famílias deles, tanto o meu marido como a mulher do Michelangelo (genitor) também e eles têm mais uma família. Em nenhum momento eles ficaram sem referência, sem saber onde moram, eles sabem bem, sabem muito bem. (g. 06)

> No começo ela tinha três anos e uma coisa que eu procurei fazer foi passar segurança para ela no sentido de que ninguém iria desaparecer, a gente estava adotando uma condição de que haveria duas casas, em uma casa ela moraria com a mãe e na outra casa moraria com o pai. (g. 08)

Classe “Ausência”

Essa classe foi responsável por 13,6% dos segmentos de textos analisados e apareceu mais nas falas de genitores com arranjo sem alternância de residência e nos pais (genitores do

sexo masculino). Algumas das palavras que aparecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “falta”, “educação”, “criar”, “presença, “encontrar”, “repensar”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se à presença dos dois genitores, a queixas de genitores não residentes que estão distantes bem como queixas de genitores sobre a ausência do outro genitor.

> Eu tinha uma ideia de que com a guarda compartilhada eu participaria ativamente, em todos os cuidados do meu filho, educação, saúde, aprendizagem, e alimentação, tudo, mas eu não participo. (g. 20, GNR)

> Permaneceu essa proximidade distante na minha opinião e não houve nenhum movimento meu ou dela (genitora), eu não sei dizer porque mas acho que tem a ver um pouco com essa postura dela (mãe) ou de atender os interesses dele (filho) ou respeitar, ou se é mais cômodo para nós. (g. 07)

> É incômodo mais pelo fato de eu não estar muito presente na educação dos meus filho, o resto está tranquilo, está bem legal. Agora em relação a educação e a presença mais efetiva para a Francesca (filha) eu deixo a desejar porque, como eu te disse, meu trabalho demanda muito tempo. (g. 09)

> Eu acho ruim que o pai não envolve muito o filho porque ele (filho) não tem vontade de ir até o pai e eu acho que o pai envolve pouco. Acho que falta muito por parte do pai, acho que tem que ser dividido e não é, sobra mais para mim. (g. 17)

Assim, ao analisar-se os conteúdos trazidos por todos os genitores entrevistados, sem separá-los por arranjos, observa-se que o conteúdo mais evidenciado é relacionado à própria relação entre o casal parental, onde os genitores trazem aspectos sobre dificuldades e

facilidades na relação com o ex cônjuge. Em segundo lugar, aparece a flexibilidade para o filho transitar, mostrando que a amostra de genitores em geral (dos dois arranjos) compreende isso como um aspecto importante do arranjo de guarda. Considerando que, nessa análise, a classe "Referências" teve maior correlação com genitores do arranjo GCRA e a classe "Ausência" para genitores sem GCRA, pode-se considerar que, ao analisar o corpus geral, as classes que acabam sendo relacionadas a todos os genitores são as quatro que mais surgiram: Relação entre o casal parental, Flexibilidade para o filho transitar, Parentalidade do outro genitor e Satisfação pessoal. Observa-se ainda, através do dendograma da Figura 13 que as classes "Relação entre o casal parental" e "Parentalidade do outro genitor" estão próximas, mostrando que esses conteúdos estão relacionados na fala dos genitores sobre o arranjo.

Análise 2: Subcorpus dos genitores com alternância de residência

A análise dos conteúdos trazidos somente pelos genitores que tinham arranjo com alternância de residência (GCRA) foi constituído por 09 textos separados em 207 segmentos de textos (ST) com aproveitamento de 146 STs (70,53%). O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes: classe 1 com 21 ST (14,38%), classe 02 com 23 ST (15,75%), classe 03 com 40 ST (27,4%), classe 4 com 33 ST (22,6%), classe 5 com 29 ST (19,86%).

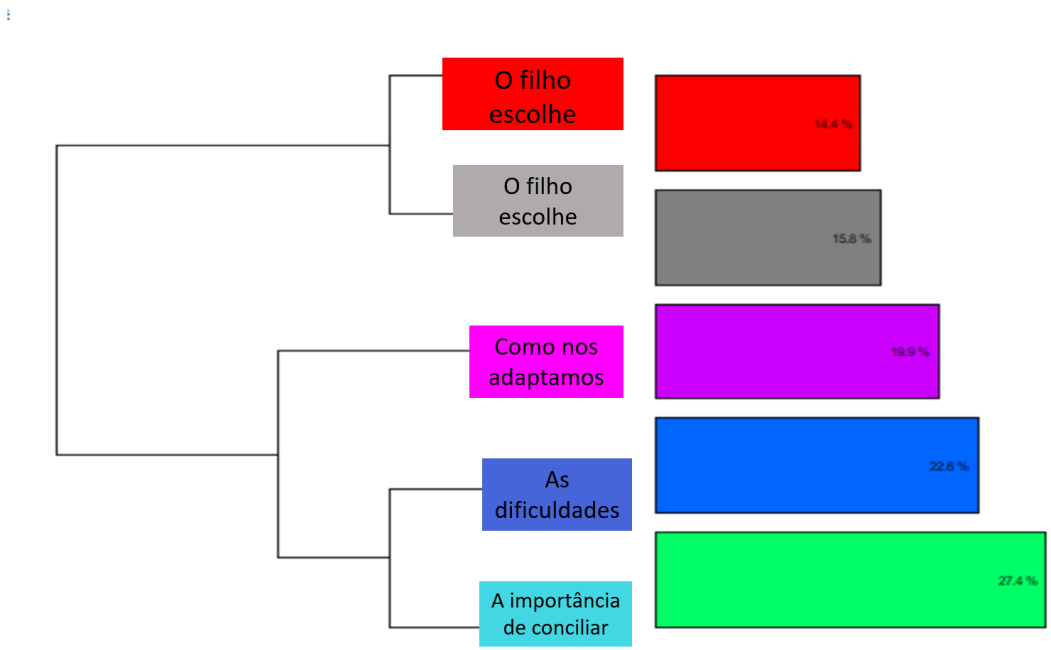

Figura 15. Dendograma a partir da Classificação Hierárquica Descendente

Figura 16. Dendograma com as palavras de cada classe

Ao realizar a análise do contéudo dos segmentos textuais de cada classe, optou-se por transformar a classe 1 em 2 em uma única classe em função da semelhança dos conteúdos dessas duas classes. Assim, formou-se 4 classes:

Classe 1 e 2: “O filho escolhe”

Classe 3: “A importância de conciliar”

Classe 4: “As dificuldades”

Classe 5: “Como nos adaptamos”

Ao verificar a correlação das classes com as variáveis, encontramos as seguintes correlações significativas: na classe 1 para o sexo feminino com qui quadrado de 6,6 e p de 0,01 e na classe 3 para o sexo masculino com qui quadrado de 5,67 e p de 0,01.

Classe “O filho escolhe”

Essas duas classes foram responsáveis por 30,2% dos segmentos de textos analisados e a classe 1 apareceu mais nas falas das mães (genitores do sexo feminino). Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: “saudade”, “liberdade”, “escolher”, “querer”, “ficar”, “deixar”, “pedir”. Ao analisar os STs, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se basicamente à liberdade do filho para escolher quando quer estar com os genitores e à frequência da troca de residências.

> Quando a gente escolheu a guarda compartilhada, uma das psicólogas que ajudou no processo disse que fazia parte da guarda compartilhada a criança poder escolher para onde ela quer ir e esses dias não serem fixos. (g. 06)

> Aconteceu uma vez ou outra de ela (filha) falar que estava com saudades e daí imediatamente a gente fazia um arranjo e eu levava ela (na casa da genitora) e a mãe trazia. Então em relação a isso não tinha problema e eu também sempre

> deixei claro que se você sentir saudades da sua mãe me fala que papai vai levar você para lá, a menos que sua mãe não esteja em casa. (g. 08)

> Ela (filha) falou para a gente que não queria (uma semana com cada um) porque era muito longe, ela falou "não papai, mamãe, eu não quero assim, não quero ficar uma semana longe" (g. 16)

> Agora que todo mundo está em casa, o Amadeus (filho) tem oscilado, tem semanas que ele quer ficar só aqui, não quer ir para lá (casa do pai), fica quatro, cinco dias aqui e de repente vai para lá, fica uma semana lá. Ele (filho) que está escolhendo mais, a gente está deixando ele bem à vontade, até por conta do emocional, tem dias que ele está bem sensível. (g. 02)

Classe "A importância de conciliar"

Essa classe foi responsável por 27,4% dos segmentos de textos analisados e apareceu mais nas falas das pais (genitores do sexo masculino). Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: "bem", "legal", "relação", "funcionar". Ao analisar os ST dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se a ser positivo a GCRA quando há uma relação positiva entre os genitores, de flexibilidade e conciliar diferentes interesses. A participante que é contrária à GCRA (g. 14) menciona ser também essa uma das principais dificuldades.

> A gente (genitor e genitora) decide juntos e a gente tem uma relação muito boa, por isso que funcionou (GCRA). Tudo a gente decide juntos, a escola para onde eles vão, quando a Chiquinha quis trocar de escola a gente conversou que não estava bom e a gente decidiu conjuntamente o que fazer. Eu acho que só tem vantagens, que não tem aspectos negativos. (g. 06)

> Acho que se os dois estão alinhados, estão tranquilos, eu acho que é super legal (GCRA). Então em um primeiro momento a gente tem que pensar nos filhos, nas crianças e baseado nisso aí sim, alinhado, dá super certo. (g. 09)
>
> [...] então mudou o viés, tanto é que aniversário a gente passa os três juntos, a gente tem essa facilidade, mas a gente tem, cada um tem sua história com ela. (g. 16)
>
> Isso é um ponto negativo que eu sinto porque se ele (filho) está comigo beleza, eu me organizo com ele, mas quando ele não está, eu já não sei se posso ficar com ele a mais se ele (genitor) também quer ficar. (g. 14)

Classe “As dificuldades”

Essa classe foi responsável por 22,6% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: “morar”, “referência”, “dividir”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se a ter GCRA mas um dos genitores não assumir os cuidados e o filho ficar com a família do genitor, sobre um dos genitores ser mais distante afetivamente, sobre a preocupação das crianças em não desagradarem nenhum dos genitores, sobre ter que ceder em relação a mudar de cidade ou ao desejo de ficar mais com as crianças e sobre a criança ficar “dividida”.

> A ideia é muito boa (GCRA) porém não funciona dessa forma (porque as crianças ficam com a avó paterna e não com o pai) e foge da ideia principal que era para ser responsabilidade do pai e da mãe. (g. 03)
>
> Eu sinto que a mãe delas quer uma aproximação maior com elas e não tem porque elas são muito apegadas a mim porque no momento que a gente se separou,

> que seria o momento de ela ficar com as meninas, ela queria sair, ela queria ir para as festas e aí deixava as meninas na rua. (g. 10)
>
> Eles (crianças) fazem uma força tremenda para não marcar coisas que eles precisem estar na casa do pai quando eles estão comigo e vice versa, eles têm muito medo de a gente achar que eles não querem ficar com a gente, eles não fazem muita troca. (g. 06)
>
> Ele (filho) às vezes quer fazer alguma coisa ou pensa em fazer alguma coisa, mas ele tem medo de magoar a mãe ou magoar o pai, de um não concordar e o outro concordar e ter atrito. (g. 14)
>
> Eu falei da renúncia, eu tenho muita vontade de ir morar em outra cidade, a minha família está morando em outra cidade, então é mais fácil para mim, teria muitas facilidades em muitos sentidos e eu não posso fazer isso primeiro porque ele (genitor) jamais aceitaria mas principalmente porque eu nunca afastaria ela dele e eu não me afastaria dela, aí você começa a ver onde você renuncia. (g.16)
>
> Particularmente eu não gosto muito (GCRA) porque o menino mora comigo a metade do mês e a outra metade ele mora com o pai dele, então eu penso que cria uma confusão na cabeça dele por uma questão de referência, acho que ele se sente dividido. (g. 14)

Classe “Como nos adaptamos”

Essa classe foi responsável por 19,9% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: “começo”, “rotina”, “período”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se às adaptações a rotina da alternância tanto dos pais como dos filhos, a

passar segurança e referência emocional de duas casas para a criança e a lidar com as questões emocionais próprias do final do relacionamento do casal.

> Você passa a ter uma rotina, ainda que seja uma rotina diferente, é uma rotina, eu sei que segunda e terça são os meus dias, então são os dias que eu me dedico a ela (filha), quarta e quinta normalmente eu posso fazer outra coisa, estudar e tudo o mais. (g.16)

> O que no começo foi um desvantagem por exemplo, a Chiquinha já era grandinha, já ia para a escola e o Bethoven ainda não ia para a escola, mas a Chiquinha ia e daí no primeiro ano ela tinha dificuldade com os cadernos e os livros, ela nunca tinha o material, a gente sempre tinha que ir buscar no meio da semana na casa um do outro (do outro genitor), uma confusão esse processo até que uma psicóloga que ela foi em alguns encontros sugeriu que ela tivesse uma mochila, que ela sempre levasse com ela as coisas que precisa e foi um hábito que ela adquiriu. (g. 06)

> No começo ela tinha três anos e uma coisa que eu procurei fazer foi passar segurança para ela no sentido de que ninguém iria desaparecer, a gente estava adotando uma condição de que haveria duas casas. (g.08)

> [...] porque o divórcio é uma grande catástrofe na vida da gente, é muito difícil. E você conseguir separar, lidar e saber que aquele ser não tem nada a ver com isso, ela tem que ter uma relação boa com ela (madrasta), tem que se divertir com ela, que os meus sentimentos são uma coisa diferente dos sentimentos dela. (g. 16)

Assim, ao analisar-se o conteúdo trazido somente pelos genitores que estão em guarda com alternância de residência, o que mais surge nas falas é sobre fornecer liberdade para o filho escolher, mostrando que esses genitores que optaram e mantém esse tipo de arranjo valorizam

essa flexibilidade e, em sua maioria, proporcionam autonomia para que o filho decida como quer realizar as trocas e horários de convivência. A segunda classe mais comum diz respeito ao casal parental poder conciliar, lidar com conflitos e até abrir mão de desejos individuais em benefício do filho e para manter o arranjo. As falas nesse sentido mostram que genitores com esse arranjo apresentam características de flexibilidade também para lidar com a relação entre o casal parental. Nas outras classes (“Dificuldades” e “Como nos adaptamos”) os genitores relataram sobre os problemas advindos do arranjo com alternância e como se adaptaram ao longo do tempo, estabelecendo rotinas e criando formas de fornecer segurança e referências para as crianças.

Análise 3: Subcorpus dos genitores sem alternância de residência

O subcorpus das respostas dos genitores que não tem residência alternada foi constituído por 11 textos separados em 244 segmentos de textos (ST) com aproveitamento de 177 STs (72,53%). O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes: classe 1 com ST (28,2%), classe 02 com ST (26%), classe 03 com ST (14,1%), classe 4 com ST (31,6%) .

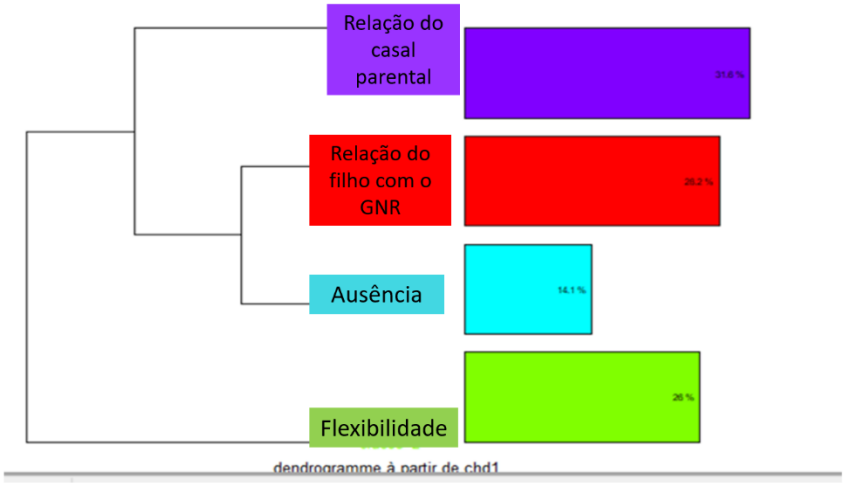

Figura 17. Dendograma a partir da Classificação Hierárquica Descendente

Figura 18. Dendograma com as palavras de cada classe

Ao realizar a análise do contéudo dos segmentos textuais de cada classe, elas foram nomeadas de seguinte forma:

Classe 1: “Relação do filho com o genitor não residente”

Classe 2: “Flexibilidade”

Classe 3 :“Ausência ”

Classe 4: Relação do casal parental

Ao verificar a correlação das classes com as variáveis, encontramos as seguintes correlações significativas: na classe 1- “Relação do filho com o genitor não residente” para o sexo masculino com qui quadrado de 5,35 e p de 0,02 e na classe 4- “Relação do casal parental” para o sexo feminino com qui quadrado de 11,25 e p de 0,007 e para os genitores residentes com qui quadrado de 5,11 e p de 0,02.

Classe “Relação do casal parental”

Essa classe foi responsável por 31,6% dos segmentos de texto analisados e surgiu mais nas falas das mães (genitoras) e nos participantes que residiam com o filho. Algumas das palavras que aprecem como significativas nessa classe relacionadas ao tema são: “conseguir”, “acontecer”, “acabar”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se a presença ou ausência de conflitos entre os genitores que interferem no contato com o filho, sobre valores diferentes dos dois genitores, sobre a comunicação e a falta de comunicação entre os genitores.

> O fato de ele (filho) passar setenta por cento do tempo comigo faz com que eu consiga passar mais dos meus princípios e valores para ele, de forma que quando ele está na casa do pai com a família do pai, ele consegue perceber que certos comportamentos não são saudáveis. Quando a gente mora separados e tem vidas

> muito diferentes, então acaba sendo dois extremos, por exemplo, na minha casa eu falo que os homens não podem ficar se sobressaindo [...] se ele passasse mais tempo naquele meio (casa do pai) ele iria achar isso normal [...] (g. 04)
>
> Por exemplo, eu não falo com o Cézanne (genitor) já faz muito tempo, eu tenho conversas esporádicas com ele uma vez a cada quatro, cinco meses. (g. 20, GNR)
>
> Tudo bem se a Elis (filha) for lá (na casa do pai), só combinar certo o horário que vai buscar, que vai trazer. Eu sou criteriosa em relação a isso e nunca aconteceu de ele (pai) extrapolar, ele sempre foi cuidadoso em relação a isso, porque ele me conhece, então ele sabe que sou muito organizada, dessa forma se eu combinei as oito, é para chegar às oito.

Classe "Relação do filho com o genitor não residente"

Essa classe foi responsável por 28,2% dos segmentos de textos analisados e apareceu mais nas falas dos pais (genitores do sexo masculino). Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: "mãe", "próprio", "postura", "acostumar", "necessidade". Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se à postura do filho com o pai não residente que envolve: acostumar-se a ficar longe, ter afinidade ou não com o genitor não residente (GNR), não ter como referência os familiares do GNR ou o GNR, aproveitar o período de convívio com o GNR como o momento de diversão.

> Ele (filho) parece que é como um coleguinha que chega na sala de aula, senta em uma carteira e depois acostuma, então parece que ele se acostumou com o jeito mais conveniente e falou ok mãe, eu vou ficar nesse lugar mesmo (morando com o pai). (g. 01, GNR)

> Não tinha muita abertura, eu acho que também não tinha muita vontade do próprio Chopin (filho) (em ver o pai). (g. 04)
>
> Não sei se é por isso que ele (filho) não quer ir (na casa do pai, GNR) ou se é essa relação dos dois também, não sei, eu acho que a relação deles é meio distante, eu acho que ele (filho) não se sente seguro de conversar. (g. 17)
>
> Eu consigo fixar esses valores mais forte porque ele passa mais tempo comigo, então ele convive mais com isso. Já aconteceu de ele estar lá (na casa do pai, GNR), ele não fala nada lá mas quando chega para mim ele fala mamãe meu avô falou tal coisa e eu vi o quanto ele é machista. (g. 04)
>
> As visitas estão boas para elas (filhas), estão super bem, está maravilhoso para ele (pai, GNR), ficam mais tempo na televisão, comem alguma porcaria, mas para mim está pesado. (g. 13)

Classe “Flexibilidade”

Essa classe foi responsável por 26% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: “aqui”, “lá”, “sair”, “voltar”, “novo”, “mesmo”. Ao analisar os STs dessa classe, observa-se que os conteúdos trazidos referem-se tanto a mudanças que já ocorreram como ao arranjo e a convivência com os genitores ser aberto, flexível.

> A gente já viveu vários momentos distintos, onde o Mozart morava comigo e o pai ia visitar por alguns dias, depois ele veio morar aqui, ele quis voltar, depois quis morar aqui de novo e eu vinha todo mês para visitá-lo. (g. 01, GNR)
>
> Eu nunca tive problemas com ele (pai, GNR) em deixar de pegar ou pegar, nós não temos um horário rígido, dias rígidos, nós sempre formos bem maleáveis,

até mesmo com o filho. Então tá, vai arrumar suas malas que você vai com o papai e daqui a três, quatro dias você volta. (g. 05)

Para mim tá bom assim, quando as crianças falam para ele que estão com saudades ele (pai, GNR) passa aqui para ver eles ou ele vem buscar. (g. 12)

Eu vou lá com elas, às vezes jogo tênis com a Gal porque ela gostar de jogar e aí a gente tem mais contato assim, meio que diário, você sempre acompanhando as coisas, o que elas (filhas) estão fazendo. (g. 19, GNR)

Classe “Ausência”

A classe 3 foi responsável por 14,1% dos segmentos de textos analisados. Algumas das palavras que aparecem como significativas nessas classes relacionadas ao tema são: “falta”, “envolver”, “dividir”. Nessas classes, os genitores residentes falam da falta que o filho sente do genitor não residente (GNR), sobre o quanto a ausência do GNR os sobrecarrega e os GNR falam sobre a falta que sentem de ter mais contato com o filho.

Eu acho ruim que o pai (GNR) não envolve muito o filho porque ele não tem muita vontade de ir até o pai e o pai envolve pouco, não pega muito, então eu acho que falta um pouquinho mais de empenho por parte do pai para envolver. (g. 17)

Eu não tenho um apoio por parte dele (pai, GNR) de dividir as responsabilidade sobre elas. Ele é alheio, completamente alheio a esse tipo de coisa. Então falta um pouco dividir as responsabilidades nesses aspectos, o aspecto braçal de todos os dias, se preocupar com a comida, alimentação, banho. (g. 13)

Para mim faria diferença uma convivência maior, então eu acho desconfortável e frustrante um pouco para mim ter vindo para cá, pensando que

> poderia acontecer alguma coisa e não aconteceu. Eu sinto falta pelo cuidado também cotidiano, eu sinto falta do cuidado que eu tenho com ele. (g. 01, GNR)
>
> Eu tinha uma ideia de que eu participaria ativamente em todos os cuidados (com a guarda compartilhada) do meu filho, saúde, educação, aprendizagem, alimentação, mas eu não participo. (g. 20, GNR)

Assim, ao considerar-se somente o conteúdo trazido pelo grupo dos genitores sem alternância de residências, a classe que mais aparece nas falas é sobre a "Relação do casal parental", classe essa em sua maioria verbalizada pelas genitoras que tinham a residência do filho, em que falam sobre as dificuldades e diferenças entre os dois genitores e percebe-se que o genitor residente aparece com um poder maior de decisão em relação à educação, valores e até a comunicar ou não o outro genitor sobre o cotidiano do filho. A segunda categoria mais verbalizada foi a "Relação do filho com o genitor não residente", que (como observa-se no dendograma da Figura 17) está próxima a categoria "Ausência". Nessas categorias tanto genitores residentes como não residentes mencionam a falta, ausência, uma "proximidade distante" do genitor que não reside com a criança e que a relação do filho com o GNR acaba sendo mais distante em função da postura em geral do GNR (pelas falas do genitor residente) ou do genitor residente que não incentiva a proximidade (pelas falas do GNR). Também apareceu a categoria "Flexibibilidade", mostrando que muitos genitores desse grupo apresentam postura flexível em relação ao convívio do filho com o GNR.

Discussão

Um tópico discutido na literatura de GCRA é sobre a frequência da alternância que seria mais adequada ao filho, pois entende-se que o número de transições também pode ser associado ao bem estar dos filhos e pais e às relações entre eles. (Steinbach & Augustijn, 2021). Nesse

estudo, identificou-se que a maioria das famílias com GCRA (80%) praticava períodos de alternâncias curtos entre a residência materna e paterna (de 1 a 3 dias) sendo que somente 1 criança (10%) alternava a cada 15 dias e 1 (10%) não tinha períodos definidos. Nas entrevistas, os pais comentaram realizar a alternância com essa frequência tanto por desejo deles a fim de acompanhar melhor a rotina do filho, como da própria criança, que preferia não passar muito tempo longe de um dos genitores. A genitora do filho que alterna a cada 15 dias foi a única do arranjo GCRA que se colocou claramente contrária ao arranjo, relatando perceber o filho como "dividido". Disse que não havia flexibilidade com o genitor para qualquer troca bem como o filho tinha pouco contato com o genitor com quem não estava durante as duas semanas que passa com o outro. Isso nos mostra que, em alguns casos, os genitores podem tornar a GCRA como uma espécie de "guarda alternada", que é claramente rechaçada por juristas e psicólogos. (Mattos, 2019), onde o filho alterna não somente a residência, mas divide sua vida, como se estivesse em determinado momento sob a guarda de um genitor e passando para outra guarda depois. Como refere Mattos (2019), um dos aspectos mais importantes na GCRA é que os pais proporcionem o continuismo para o filho, tanto no aspecto social, afetivo, educacional dentre outros. Quando há uma interrupção disso e a criança passa a ter vidas cindidas em cada casa e isso certamente repercute negativamente para o filho. Os genitores desse estudo com GCRA que faziam uma alternância mais curta mencionaram ter flexibilidade para voltar ou mudar os dias se necessário, bem como criar situações a fim de favorecer o continuísmo para criança, por exemplo, unir todos em uma festa de aniversário ou a filha poder buscar roupas na casa do outro genitor a qualquer momento. Assim, esses dados sugerem cautela quando a frequência de alternância for maior do que 3 ou 4 dias já que a maioria dos genitores que conseguia manter o continuismo para a criança mantinha essa frequência, podendo-se cogitar que a frequência de alternância mais curta evita que esse arranjo se configure em uma cisão para o filho.

O dado encontrado sobre a frequência da alternância vai ao encontro do que foi encontrado na pesquisa de Steinbach e Augustijn (2021) que examinou a proporção de tempo e a frequência da transição das crianças em GCRA na Europa. Essas autoras encontraram que a média das transições foi de 9,5 por mês, portanto a maioria das crianças mudava pelo menos uma vez na semana de residência e encontraram associação de maior frequência de transição em famílias em que os pais tinham melhor relacionamento parental.

Outro dado importante é que, ao analisar a frequência do contato das crianças com a família extensa dos genitores (avós, tios, primos e etc.), encontrou-se que, na nossa amostra, as crianças em GCRA tinham mais contato com esses familiares do que as que viviam sem GCRA. Isso se deve ao fato de muitos genitores (mães e pais) residirem com familiares e, como a criança já convive com o genitor com muita frequência, acaba também por conviver com os familiares desse. Como refere Zartler e Grillenbergere (2017) em estudo que analisou as redes sociais de crianças em GCRA, pode-se presumir que uma duplicação de locais de residência traz consequentemente para a criança mais laços sociais, pois têm acesso a um maior número de pessoas em seu entorno social e estar inserido em relacionamentos íntimos e redes sociais densas modera as consequências negativas do divórcio dos pais para os filhos e é considerado como tendo efeitos favoráveis sobre o bem-estar dos filhos, o ajustamento emocional e comportamental.

Apesar de não ser o objetivo do trabalho analisar o bem estar dos genitores, como refere Steinback (2018), para compreender os efeitos da guarda física conjunta nos filhos, é importante estudar o bem estar dos pais já que isso terá impacto direto no bem estar dos filhos. Ao analisar-se as respostas do questionário sociodemográfico em relação à satisfação dos genitores com sua renda e lazer, encontramos diferenças entre as respostas dos genitores dos dois grupos, especialmente no tema do lazer e vida social, em que os genitores com GCRA escolheram mais vezes a opção “muito bom” do que os genitores sem GCRA. Isso pode ser

compreendido através de comentários trazidos nas entrevistas por genitores GCRA que disseram também gostar desse arranjo por ter mais tempo para atividades próprias quando o filho está com o outro genitor e, consequentemente também terem lazer com mais qualidade com os filhos por estarem menos sobrecarregados nos dias em que o filho está com eles. Quando observa-se as falas na categoria "Ausência" comentada pelos genitores sem GCRA, muitos genitores residentes queixam-se da sobrecarga diária de cuidar dos filhos a maior parte do tempo. Assim, não pode-se deixar de comentar que a divisão igualitária do tempo na GCRA, por dividir tarefas e responsabilidades diárias entre o os dois genitores, gera menos sobrecarga em somente um, o que geralmente ocorre quando não há uma divisão de tempo. Esses dados estão de acordo com o apresentado por metanálise de Steinback (2018) que refere que, nas pesquisas que estudam o bem estar dos pais em guarda física compartilhada, os resultados mostram que esses pais costumam estar mais satisfeitos do que pais em custódia única, apresentam saúde melhor e mais liberdade para lazer.

Sobre a avaliação do bem estar dos filhos, apesar de o SDQ e Kidscreen 52 não serem instrumentos construídos diretamente para medir o bem estar, considerando o conceito ampliado de bem estar utilizado nesse estudo, optou-se por utilizar esses dois instrumentos por estes avaliarem a satisfação dos filhos com diferentes âmbitos da sua vida e considera-se que as subescalas do SDQ e as dimensões do Kidscreen abarcam grande parte dos aspectos envolvidos no conceito ampliado de bem estar já que avaliaram questões relacionadas ao bem estar físico, recursos econômicos, bem estar relacional /social/familiar, ao desenvolvimento escolar, a ausência de afetos negativos, a presença de afetos positivos, autoestima, autonomia e satisfação com a vida. Compreende-se que o bem estar físico e saúde física foi medido pela dimensão 1 do Kidscreen, o bem estar objetivo relacionado a recursos sócio econômicos foi avaliado na dimensão 7 do Kidscreen (sobre Recursos Financeiros), o bem estar social, relacionado as relações interpessoais e intergrupais foram avaliados pelas dimensões 6 (Família

e ambiente familiar), dimensão 8 (Amigos e apoio social), dimensão 9 (ambiente escolar) e dimensão 10 (ausência de bullying) do Kidscreen e também pela subescala do SDQ "Problemas de relacionamentos com colegas". A dimensão 9 do Kidscreen (ambiente escolar), além de avaliar a criança na escola em relação a sociabilização, também questiona sobre o rendimento escolar, podendo relacionar-se ao que alguns autores consideram de bem estar desenvolvimental - relacionado a capacidade de inclusão e conquistas educacionais. (Casas & Frones, 2019). Relacionando ao bem estar subjetivo e ao bem estar psicológico, a ausência de afeto negativo foi avaliada tanto pela subescala de "sintomas emocionais" do SDQ como pela dimensão 3 (Estado emocional) do Kidscreen. Já a presença de afeto positivo foi avaliada pela dimensão 2 (Sentimentos) do Kidscreen. Questões relacionadas a autoestima são avaliadas na dimensão 4 do Kidscreen (autopercepção) e relativas à autonomia, pela dimensão 5 do Kidscreen.

Ainda na dimensão 2 do Kidscreen também há três perguntas relacionadas à satisfação da criança com a própria vida ("Sua vida tem sido agradável?", "Você se sentiu bem por estar vivo?" e "Você se sentiu satisfeito com a própria vida"). Assim, pode-se considerar que essas perguntas puderam avaliar o grau de satisfação com a própria vida, um dos aspectos importantes ao se avaliar bem estar subjetivo. (Alfaro et al, 2015).

Sobre os resultados relacionados ao bem estar dos filhos da amostra, cabe alguns comentários em relação ao resultado geral dos dois instrumentos utilizados (SDQ e Kidscreen 52). Percebe-se que o resultado médio geral do SDQ para toda a amostra dos filhos está dentro do normal, mas quase chega ao número considerado "limítrofe" em relação às dificuldades que o instrumento levanta e, para a amostra dos filhos com GCRA a média do resultado bruto já se encontra no estado "limítrofe". Portanto, os resultados da amostra para o SDQ estão um pouco piores do que estaria na "normalidade", em uma população geral. Várias pesquisas sobre crianças com pais separados mostram que essa população tende a apresentar resultados piores

do que crianças com famílias sem pais separados (as famílias intactas) (Baude et al., 2016; Bauserman, 2002; HärKönen et al., 2017). Nessa pesquisa, por não incluir-se na amostra famílias intactas, todos os filhos entrevistados eram de famílias com pais separados. Assim o dado pode estar de acordo com o que é comumente encontrado em relação a índices piores em crianças de pais separados de maneira geral. Já para o instrumento Kidscreen, por não haver uma tabela de interpretação do resultado só podemos utilizá-lo como dado bruto, contudo a maioria da amostra se localizou em um resultado acima de 60%.

É importante ressaltar também que a aplicação dos instrumentos ocorreu no período da pandemia do coronavírus e esse fator externo pode ter influenciado também o resultado dos instrumentos. Durante as respostas, quase todos os filhos comentaram sobre a pandemia e o isolamento (distância dos amigos, da escola) estar gerando insatisfação em sua vida. Isso foi especialmente comentado quando respondiam às subescalas “autonomia e tempo livre”, “amigos e apoio social” e “ambiente escolar” do Kidscreen nas questões que solicitavam para a criança pontuar quanto, nas últimas semanas, ela sentiu-se com liberdade para escolher o que queria fazer, a quantidade de tempo em que teve contato com amigos e sua satisfação com a escola, aspectos esses que estavam sendo fortemente influenciados pelas mudanças de rotina advindas do isolamento social.

Comparando os resultados dos instrumentos dos dois grupos de filhos (com GCRA e sem GCRA), não foi encontrada diferença significativa entre os dois grupos de arranjos nem na maioria das subescalas dos dois instrumentos, com exceção da subescala “Saúde e atividade física” do Kidscreen, onde encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa, de magnitude moderada, com resultados melhores para os filhos do arranjo sem GCRA. Assim, a hipótese inicialmente levantada nessa pesquisa de que as crianças em GCRA apresentariam indicadores de bem estar melhores não pôde ser confirmada. Sobre esse achado ser diferente do que é trazido pela maioria dos estudos que comparam filhos em guarda física compartilhada

com filhos que vivem com um genitor, encontrando resultados melhores para os filhos em GCRA (Baude et al., 2016; Bauserman, 2002) pode-se discutir alguns pontos. Em primeiro lugar, a amostra reduzida (10 filhos de cada grupo) não nos permite generalizar o resultado. Em segundo lugar, há achados mostrando que as famílias que realizam a GCRA são em geral mais flexíveis, com um nível econômico e educacional maior. Pela seletividade da amostra (famílias que se voluntariaram a participar de cerca de três horas de entrevista) as famílias sem GCRA entrevistadas nesse estudo parecem apresentar também esse perfil, que pode ser confirmado em uma das classes trazidas por este grupo ("Flexibilidade"), características que influenciam positivamente no bem estar do filho.

Como referem Baude et al. (2016), apesar de encontrado um efeito maior de ajustamento nos filhos em GCRA, o tamanho desse efeito foi fraco, o que sublinha o fato de que a associação entre a custódia e o ajuste dos filhos devem ser considerados com prudência. Autores referem que os achados encontrados podem ser associados a fatores socioeconômicos e que também outros fatores parentais parecem ser significativos para a diferença nos resultados de saúde infantil (Bergström et al., 2014; Bjarnason et al., 2012), Além disso, cabe ressaltar que, se este estudo não comprovou que há melhores resultados no bem estar do filho em GCRA, também não mostrou que há piores. Assim, argumentos utilizados muitas vezes no Judiciário brasileiro para não autorizar a GCRA como referir que a alternância da rotina causaria prejuízos emocionais na criança (Brito & Gonsalves, 2013; Mattos, 2019) também podem não ter fundamento segundo o resultado desse estudo.

Sobre os dados coletados com os genitores, a análise estatística mostrou que não houve diferença significativa nas respostas entre os genitores dos dois grupos para nenhuma das cinco questões que mediam a coparentalidade. Por considerar que os pais em GCRA no Brasil devem solicitar explicitamente esse arranjo ao Judiciário e que esse ainda é raro, levantou-se

inicialmente a hipótese de que relação coparental entre os genitores do grupo GCRA seria melhor do que a do outro grupo, o que também não pôde ser comprovado.

Ao analisar-se a média das notas fornecidas pelos genitores, um dos dados que chama a atenção é que os genitores com GCRA forneceram uma nota mais baixa do que os genitores sem GCRA para a ausência de conflitos entre os genitores, mas mais alta para a comunicação e para como consideravam positiva a parentalidade do outro genitor. Isso pode ser explicado considerando que, para realizar a alternância, por haver mais contato entre os genitores GCRA há também mais conflitos do que entre os que não necessitam maior contato por não alternarem a residência. Contudo, os genitores GCRA, apesar dos conflitos, conseguem se comunicar em relação às necessidades dos filhos. Para os genitores sem GCRA, há menos conflitos, mas mais dificuldade na comunicação. Isso apareceu nos conteúdos trazidos pelos genitores GCRA nas entrevistas, sendo que a classe mais relevante para esse grupo foi “O filho escolhe”, onde os genitores enfatizaram a o desejo e necessidade do filho, independente do que o genitor gostaria pessoalmente. Eles também comentaram nas classes “A importância de conciliar” e “As dificuldades” sobre como muitas vezes cediam a fim de poder manter o contato da criança com os dois genitores. Como refere Marinho (2018), pais com GCRA também vivem mais dificuldades do que outros para lidar com diferentes estilos parentais, desafios que podem gerar divergências e críticas. E, segundo esse autor, o que diferencia os genitores desse arranjo é que essas dificuldades acabam sendo colocadas nas vivências inerentes aos conflitos da parentalidade, ao invés de utilizar isso em disputas de papéis e identidades que estão muitas vezes presentes em famílias sem compartilhamento. (Marinho, 2018). Lamela e Figueiredo (2016) ao descreverem a aliança parental, comentam não ser esta sinônimo de ausência de conflito interparental, mas sim o resultado de um compromisso ativo entre os pais na cooperação e partilha do cuidado e da educação da criança. Assim, visualizou-se, nesta pesquisa, que os genitores em GCRA podem ter tantos conflitos quanto os outros, mas que

conseguem superar de alguma forma a fim de manter a comunicação e que o fio condutor para isso é priorizar o que é importante para o filho.

Ao responderem sobre a sua percepção em relação ao arranjo, houve diferenças importantes no conteúdo trazido pelos genitores de cada grupo. Os genitores com GCRA enfatizaram a questão da criança poder escolher, de dar liberdade e ter flexibilidade. Assim, pode-se perceber que, na maioria das famílias com GCRA os pais eram flexíveis sobre mudar os dias, o filho ficar mais da casa do outro genitor se quisesse, buscar coisas na casa do outro se esqueceu, entendendo que a referência do filho era as duas residências. E, muitas das dificuldades relatadas por esses genitores e de como se adaptaram ao arranjo foi através dessa flexibilização e liberdade para o filho transitar.

Já o conteúdo referido pelos genitores sem GCRA se referiam em sua maioria à Relação entre o casal parental, com conteúdos relacionados a dificuldades e diferenças entre os dois genitores, em que há falas que remetem a um poder maior do genitor residente de decisão em relação à educação, valores e até a comunicar ou não o outro genitor sobre o cotidiano do filho. E, nas categorias “Relação do filho com o genitor não residente” e “Ausência”, tanto genitores residentes como não residentes mencionam a falta, ausência, uma “proximidade distante” do genitor que não reside com a criança. Assim, mesmo que em todas as famílias entrevistadas do grupo sem GCRA os filhos tivessem contato frequente com o GNR, os genitores residentes queixaram-se de o GNR não auxiliar mais, com tarefas do dia a dia, em alguns casos sobrecarregando o genitor residente e comentaram também sobre a relação do filho com o GNR na maioria dos casos ser mais distante. Os GNRs entrevistados também queixaram-se de estarem distantes do filhos, alguns justificando que o próprio filho não queria e outros por serem barrados pelo genitor residente. Conforme Bastaits e Mortelms (2016), os achados de pesquisas mostram que o apoio parental, fornecido por mães e pais aumentam o bem estar das crianças mas que o apoio do GNR tende a diminuir após divórcio. Assim, a proposta da guarda

compartilhada seria justamente para que os dois genitores compartilhassem e dessem apoio para a criança. Contudo isso não acontecia em algumas famílias que não tinham GCRA, apesar de todas terem a guarda compartilhada.

Apesar de ser a terceira classe de conteúdo, a “Flexibilidade” também foi uma classe que apareceu no discurso dos genitores sem GCRA, observando-se que, na amostra pesquisada a maioria das famílias sem GCRA também tinham algum tipo de flexibilidade em relação ao período ou tempo de convivência do filho com o genitor não residente. Assim, pode-se considerar que as famílias dessa pesquisa que pertenciam ao grupo sem GCRA, em função do filho ter contato frequente com o GNR e serem mais flexíveis quanto a convivência, podem ter um perfil diferenciado de famílias de guarda única, unilateral, ou até compartilhada em que o filho não tem convivência ou esta é esporádica com o GNR. Possivelmente esse perfil das famílias também tenha favorecido para que os resultados dos instrumentos dos filhos sem GCRA não tenham sido piores do que o outro grupo. E pode-se inferir ainda que, em famílias onde haja menos contato do filho com o GNR ou com guarda unilateral, esse conteúdo da “Ausência” apareça com ainda mais intensidade.

Correlacionando as diversas variáveis, a única correlação significativa que encontrou-se nessa pesquisa foi entre a ausência de conflitos e o resultado mais favorável no Kidscreen dos filhos. Isso vai de acordo com a literatura que mostra que o bem estar dos filhos é fortemente influenciado pelo nível de conflito entre seus pais. Achados mostram que conflitos após o divórcio aumentam sintomas depressivos nos filhos e esse efeito se daria por lealdades conflitantes. Quanto mais a relação entre ex-parceiros continua, mais as crianças podem ser arrastadas para os conflitos entre os genitores e seu bem-estar será afetado. (Kalmijn, 2016). Segundo o estudo desse autor, a quantidade de contato entre o filho e o genitor não influenciava no bem estar e sim o nível de conflito entre eles, dado parecido ao que foi encontrado nesta pesquisa. Vanasshe, Sodermans, Matthijs, e Swicegood (2013) também encontraram o dado de

que adolescentes em guarda física compartilhada têm menor bem-estar em casos de alto conflito parental. Poortmann (2018) refere que não é tanto a frequência do contato que beneficia a criança mas sim a extensão para os quais os arranjos de residência refletem arranjos parentais pré-divórcios. Desta forma, pode-se afirmar que o conflito entre os genitores, independente do tipo de arranjo, interferiu no resultado medido pelo Kidscreen nos filhos da amostra. Esse achado ao fazer-se a correlação das variáveis na análise quantitativa também pode ser confirmado na análise qualitativa já que a classe que mais apareceu na análise do conteúdo no corpus que analisou as entrevistas de todos os genitores foi "A Relação entre o casal parental", onde os genitores relataram o quanto isso interferia positivamente ou negativamente no bem estar dos filhos e deles. Assim, ao serem questionados sobre a percepção em relação ao arranjo, o tema mais trazido considerando o corpus geral dos genitores foi a relação entre o ex- casal, mostrando o quanto isso é um assunto significativo para todos. Nas análises por grupos separados, esse tema surgiu também como a primeira classe nos grupos dos genitores sem GCRA e na segunda classe mais comentada pelo grupo dos genitores com GCRA ("A importância de conciliar"). Assim, os resultados da análise quantitativa e qualitativa vão de encontro ao mostrar que, mais importante do que outras variáveis, o fato da relação entre o casal parental, em especial a ausência de conflitos, é significativa para o bem estar de toda a família.

Sobre a amostra de forma geral, cabe ressaltar que são famílias em grande maioria pertencentes a uma classe social média alta (o valor médio da renda familiar dos genitores é de R$5400), com um nível de escolaridade alto (90% possuem ensino superior completo e dentre estes, metade pós graduação completa). Assim, os resultados não podem ser generalizados a outras famílias com renda mais baixa e também não foi possível avaliar se diferentes resultados nos instrumentos podiam ser relacionados a diferentes níveis sócio-econômicos.

Considerações finais

Com o advento cada vez maior da guarda compartilhada e um desejo crescente de famílias que buscam um arranjo mais equânime em termos de tempo com os filhos, um dos desafios é quando e como fazer esse arranjo de forma a trazer bem estar aos filhos. Esse estudo mostrou que, mais do que a divisão de tempo propriamente dito, o que gera bem estar para os filhos é a ausência de conflitos entre os genitores. Assim, intervenções no sentido de capacitar os genitores após a separação a lidarem melhor com os conflitos inerentes à parentalidade parecem ser as mais necessárias para preparar os genitores para uma guarda compartilhada com alternância de residência. Outro ponto é auxiliar essas famílias a manterem a continuidade entre as residências, a fim de não se tornar essa uma "guarda alternada" sem haver efetivamente um compartilhamento.

A principal limitação da pesquisa é a amostra reduzida (20 filhos) e a grande maioria das famílias pertencerem a um nível econômico/ cultural alto, tendo assim esse viés da amostra. Pontos fortes é que a pesquisa combinou informações provenientes dos próprios filhos com as informações dos genitores e análises quantitativas e qualitativas. Além disso, as respostas aos instrumentos foram fornecidas pela própria criança, em formato de autorrelato, diferentemente de diversas pesquisas que utilizam as respostas dos genitores para avaliar o bem estar da criança.

Como sugestão para futuros pesquisas, entende-se que seria interessante ampliar a amostra e incluir outros grupos de comparação, como filhos em famílias intactas (sem pais separados) e filhos em guarda unilateral. Também, a fim de poder generalizar os resultados, ter a inclusão de famílias de diferentes classes sociais parece relevante.

Referências bibliográficas

Alcantara, S. C. et al. (2019). Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*(2):509-522, 2019. doi: 10.1590/1413-81232018242.01302017

Alfaro, J.; Casas, F.; & López, V. (2015). Bienestar em la infancia y la adolescência.*Psicoperspectivas: individuo y sociedade*. 14(1), 1-5.

Amato, P. R. (2010). Research on divorce: Continuing trends and new developments. *Journal of Marriage and Family*, *72*(3), 650–666. doi: org/10.1111/j.1741-3737.2010.00723.x

Bastaists, K. & Mortelms, D. (2016). Parenting as Mediator Between Post-divorce Family Structure and Children's Well-being. *J Child Fam Stud*, 25(7), 2178–2188 doi 10.1007/S10826-016-0395-8

Baude, A. & Royer, V. (2015). Parents em résidence alternée et relation coparentale: le rôle de la relation d'attachement entre les ex partenarires et des variables liées au contexte de la séparation conjugale. *Psychologie française*, 61(3), 219-234. doi: 10.1016/j.psfr.2015.07.007

Baude, A., Pearson, J., & Drapeau, S. (2016). Child Adjustment in Joint Physical Custody Versus Sole Custody: A Meta-Analytic Review. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(5), 338-360. doi: 10.1080/10502556.2016.1185203

Bauserman, R. (2002). Child Adjustment in Joint-Custody Versus Sole-Custody Arrangements: A Meta-Analytic Review. *Journal of Family Psychology*, (16)1. doi: 10.1037//0893-3200.16.1.91

Bergström, M., Fransson, E., Modin, B., Berlin, M, Gustafsson, P. A., & Hjern, A. (2015). Fifty moves a year: is there na association between joint physical custody and

psychosomatic problems in children? *Journal of epidemiology and community health*, *69*(8), 769–774. doi: 10.1136/jech-2014-205058

Bergström, M., Fransson, E., Hjern, A , Kohler, L., & Wallby, T. (2014). Mental health in Swedish children living in joint physical custody and their parents' life satisfaction: A cross-sectional study. *Scandinavian Journal of Psychology*, 55(5), 433–439. doi: 10.1111/sjop.12148

Bjarnasson, T., Bendtsen, P., Arnarsson, A. M., Borup, I. Iannotti, R. J., Löfstedt, P., Haapasalo, I., & Niclasen, B. (2012). Life Satisfaction Among Children in Different Family Structures: A Comparative Study of 36 Western Societies. *Children & Society*, 26(1), 51–62. doi:10.1111/j.1099-0860.2010.00324.x

Brito, L. M. T. & Gonsalves, E. N. (2013). Guarda compartilhada: alguns argumentos e conteúdos da jurisprudência. *Rev. direito GV* [online]. 9(1), 299-317.

Cabral, A. C. P. (2008). *Guarda dos filhos e mediação familiar: garantia da maior aplicabilidade do princípio constitucional do melhor interesse da criança e do adolescente* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Fortaleza, Fortaleza

Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). Iramuteq: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. doi: 10.9788/TP2013.2-16.

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Casas, F. e Frones, I. (2019). From snapshots to complex continuity: Making sense of the multifaceted concept of child well-being. *Childhood* (1-15). doi:10.1177/0907568219895809

Delgado, M. L. (2018). *Guarda alternada ou guarda compartilhada com duas residências?* Disp. em https://www.conjur.com.br/2018-dez-23/processo-familiar-guarda-alternada-ou-guarda-compartilhada-duas-residencias

Dias, M. B. (2013). *Manual de Direito das Famílias*. 9 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais.

Diener, E. (2012). New Findings and Future Directions for Subjective Well-Being Research. *American Psychologist*, 67(8), 590-597. doi: 10.1037/a0029541

Fehlberg, B., Smyth, B., Maclean, M., & Roberts, A. C. (2011). Legislating for shared time parenting after separation: a research review. *International Journal of Law, Policy and the Family*, 25(3) 318–337. doi:10.1093/lawfam/ebr015

Fransson, E.; Turunen, J.; Hjern, A.; Östberg, V, & Bergström, M. (2016). Psychological complaints among children in joint physical custody and other family types: Considering parental factors. *Scandinavian Journal of Public Health*, 44(2): 177–183. doi: 10.1177/1403494815614463

Gaspar, T, Matos, M., Ribeiro, J. P., & Leal, I. (2008). The European Kidscreen Group. Qualidade de vida: Instrumento Kidscreen 52 para pais, crianças e adolescentes. *Revista Peruana de Psicometria* 1(2).

Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6 ed. São Paulo: Atlas.

Gilmore, S. (2006). Contact/Shared residence and child well-being: Research evidence and its implications for legal decision-making. *International Journal of Law, Policy and the Family*, 20(3), 344–365. doi:10. 1093/lawfam/ebl016

Golse, B. (2014) Divorce: résidence alternée de l'enfant. *Archives de Pédiatrie*, 21(4), 441-443. doi: 10.1016/j.arcped.2014.01.002

Goodman, R. (2001). Psychometric Properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(11), 1337–1345. doi:10.1097/00004583-200111000-00015.

Goodman, A. & Goodman, R. (2012). Strengths and Difficulties Questionnaire scores and mental health in looked after children. *The British journal of psychiatry*, 200, 426-427. doi 10.1192/bjp.bp.111.104380

González, M.; Coenders, G.; Casas, F. (2008). Using non-linear models for a complexity approach to psychological well-being. Quality & Quantity. 42, 1-21. Doi: 101007/s11135-006-9032-8.

Guedes, D. P. & Guedes, J. E. R. P. (2011). Tradução, adaptação transcultural e propriedades psicométricas do KIDSCREEN-52 para a população brasileira. *Revista Paulista Pediatria*, 29(3), 364-71. doi: 10.1590/S0103-05822011000300010

Härkönen, J., Bernardi, F., & Boertien, D. (2017). Family dynamics and child outcomes: An overview of research and open questions. *European Journal of Population*, 33(2), 163-184. doi:10.1007/s10680-017-9424-6.

Júnior, R. P. (2010). Análise de qualidade de vida e desempenho motor em escolares. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Kalmijn, M. (2016). Father–Child Contact, Interparental Conflict, and Depressive Symptoms among Children of Divorced Parents. *European Sociological Review*. 32(1), 68-80. doi: 10.1093/esr/jcv095

Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2015) Typologies of Post-divorce Coparenting and Parental Well-Being, Parenting Quality and Children's Psychological Adjustment. *Child Psychiatry Hum Dev.* 47(5), 716-728. doi: 10.1007/s10578-015-0604-5

Lamela, D. & Figueiredo, B. (2016). Coparenting after marital dissolution and children's mental health: a systematic review. *J Pediatr (Rio J)*, 92(4), 331-342. doi: 10.1016/j.jped.2015.09.011

Lei nº 11.698, de 13 de junho de 2008. (13 de junho). Altera os artigos 1.583 e 1.584 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, para instituir e disciplinar a guarda

compartilhada. Recuperado a partir de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11698.htm

Lei nº 13.058, de 22 de dezembro de 2014. (22 de dezembro). Altera os artigos 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil) para estabelecer o significado da expressão guarda compartilhada e dispor sobre sua aplicação. Recuperado a partir de https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/159374255/lei-13058-14

Leite, E. O. (2003). *Famílias monoparentais: a situação jurídica de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal*. 2 ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais.

Marinho, S. (2018). O tempo de residência e de contacto com a criança após divórcio ou a separação. *Rev. Sociologia, Problemas e Práticas,* (87), 87-107, Online since. URL : http://journals.openedition.org/spp/4684

Madaleno, R. & Madaleno, R. (2016). *Guarda compartilhada física e jurídica*. 2 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. Mattos, G. B. (2019). Quais os efeitos psicológicos, para as crianças, na fixação de duas casas? *Revista IBDFAM Família e Sucessões*. 33, 49-71

Moreira, M. C. e Sarriera, J. C. (2006). Preditores de saúde e bem-estar psicológico em adolescentes gestantes. *Psico-USF*, 11(1), 7-15.

O'Hare, W. P., Mather, M., Dupuis, G., Land, K. C., Lamb, V. L., & Fu, Q. (2013). Analyzing Differences in Child Well-Being Among U.S. States. *Child Ind Res*., 6(2):401–431 doi: 10.1007/s12187-012-9173-3

Poortman, A. R. (2018). Postdivorce Parent–Child Contact and Child Well-being: The Importance of Predivorce Parental Involvement. *Journal of Marriage and Family,* 80(3): 671–683 671 doi:10.1111/jomf.12474

Recurso Especial 1251000 MG 2011/0084897-5. (2011, 23 de agosto) Relator: Nancy Andrigui – Terceira Turma. Recuperado a partir de http:

stj.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/21086250/recurso-especial-resp-1251000-mg-2011-0084897-5-stj/inteiro-teor-21086251?ref=juris-tabs

Ryff, C. D. (1989). Hapiness is everything or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Jornal of Personality and Social Psychology*. 57 (6), 1069-1081

Saur, A. M. & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 619-629. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400016

Sobolewski, J. M. & Amato, P. R. (2007). Parents' Discord and Divorce, Parent-Child Relationships and Subjective Well-Being in Early Adulthood: Is Feeling Close to Two Parents Always Better than Feeling Close to One? *Social Forces*, 85(3).

Sodermans, A. K., Botterman, S., Havermans, N., & Matthijs, K. (2015). Involved Fathers, Liberated Mothers? Joint Physical Custody and the Subjective Well-being of Divorced Parents. *Soc Indic Res*, 122(1), 257–277. doi 10.1007/s11205-014-0676-9

Sodermans, A. K. & Matthijs, K. (2014). Joint Physical Custody and Adolescents' Subjective Well-Being: A Personality X Environment Interaction. *Joumal of Family Psychology*, 28(3), 346-356. doi: 10.1037/a0036713

Steinbach, A. (2018). Children’s and parente’s well being in joint physical custody: a literature review. *Family Process*, 10(10). doi: 10.1111/famp.12372

Steinbach, A. & Augustijn, L. (2021). Post-Separation Parenting Time Schedules in Joint Physical Custody Arrangements. *Journal of Marriage and Family*, 83(2). doi: org/10.1111/jomf.12746

The Kidscreen Group Europe (2005). *Manual of the Kidscreen Quetionnaires: Screening for and promotion of health related quality of life in children and adolescents* – A European Public Health Perspective.

Vanasshe, S.; Sodermans, A. K.; Matthijs, K., & Swicegood, G. (2013). Commuting between two parental households: The association between joint physical custody and adolescent wellbeing following divorce. *Journal of Family Studies*, 19(2), 139–158. doi: 0.5172/jfs.2013.2417

Woerner, W., Fleitlich-Bilyk, B., Martinussen, R., Fletcher, J., Cucchiaro, G., Dalgalarrondo, P. et al. (2004). The Strengths and Difficulties Questionnaire overseas: Evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13(S2). doi:10.1007/s00787-004-2008-0

Zartler, U. & Grillenbergere, K. (2017). Doubled Homes- doubled social ties? Children's relationships in post-divorce shared residence. *Children & Society*, 31(2), 144-156. doi: 10.1111/chso.12194

Anexo A

Questionário Sociodemográfico

1) Gênero respondente

( ) genitor

( ) genitora

2) Grupo a que pertence

( ) guarda compartilhada sem alternância de residência

( ) guarda compartilhada com alternância de residência

Dados sobre o respondente:

3) Idade:

4) Estado civil
a) ( ) solteiro: nunca foi casado ou nunca teve união estável
b) ( ) atualmente solteiro e já teve união estável
c) ( ) casado / união estável
d) ( ) divorciado
e) ( ) viúvo

5) Teve outros filhos após a criança/adolescente pesquisado?
( ) Sim. Quantos?_____ Sexo e idade de cada um:_____
_____
( ) Não

6) Escolaridade:
a) ( ) Analfabeto
b) ( ) Ensino Fund. _____completo _____incompleto
c) ( ) Ensino Médio _____completo _____incompleto
d) ( ) Ensino Superior _____completo _____incompleto
e) ( ) Pós- graduação _____completo _____incompleto

7) Situação profissional
a) ( ) empregado b) ( ) desempregado c) ( ) autônomo d) ( ) estudante
f) ( ) outra _____

8) Renda mensal familiar aproximada:
a) ( ) até 1 salário mínimo
b) ( ) de 1 a 2 salários mínimos
c) ( ) de 2 a 4 salários mínimos
d) ( ) de 4 a 8 salários mínimos
e) ( ) mais de 8 salários mínimos

9) Como classifica a renda mensal relacionando aos seus gastos:
a) ( ) muito ruim

b) ( ) ruim
c) ( ) média
d) ( ) boa
e) ( ) muito boa

10) Local de moradia:
a) ( ) moradia própria b) ( ) moradia alugada c) ( ) moradia emprestada
d) ( ) quarto/pensão/hotel

11) Quantos quartos possui sua residência?
a) ( ) nenhum b) ( ) 1 c) ( ) 2 d) ( ) 3 e) ( ) 4 f) ( ) 5
g) ( ) mais de 5

12) Como você classificaria a sua satisfação em relação a seu lazer e vida social?
a) ( ) muito bom
b) ( ) bom
c) ( ) razoável
d) ( ) ruim
e) ( ) muito ruim

13) Com quem você mora atualmente:
a) ( ) sozinho/a
b) ( ) somente com filho (s)/a (s) da pesquisa
c) ( ) somente com esposa/o
d) ( ) somente com outro filho/a. Quantos? _____
e) ( ) com esposo/a e filho/a da pesquisa
f) ( ) com esposo/a e outro filho/a. Quantos?_____
g) ( ) com pai/mãe
h) ( ) com pai/mãe e filho (s)/a(s) da pesquisa
i) ( ) com pai/mãe e outro filho (s)/a(s). Quantos?_____
j) ( ) com pai/mãe e esposo/a
k) ( ) com pai/mãe, esposo/a e filho(s)/a(s) da pesquisa
l) ( ) com pai/mãe, esposo/a e outros filhos. Quantos?_____
m) ( ) outros_____

<u>Dados sobre a configuração familiar</u>

14) Quando seu filho/a está em sua casa, há alguém que lhe auxilia no auxílio com ele? Quem?
a) ( ) ninguém
b) ( ) avó/avô da criança
c) ( ) tio/a da criança
d) ( ) madrasta/padrasto da criança
e) ( ) outros

15) Idade da criança/adolescente em guarda compartilhada:
a) ( ) 8 a 10 anos
b) ( ) 11 a 13 anos
c) ( ) 14 a 16 anos
d) ( ) 17 a 18 anos

16) Gênero da criança/ adolescente
a) ( ) Masculino
b) ( ) Feminino
c) (outro

17) Quantos irmãos ele/a tem por parte de pai e mãe?
a) ( ) nenhum
b) ( ) 1
c) ( ) 2
d) ( ) 3
e) ( ) 4 ou mais irmãos

18) Quantos irmãos ele/a tem por parte de pai?
a) ( ) nenhum
b) ( ) 1
c) ( ) 2
d) ( ) 3
e) ( ) 4 ou mais irmãos

19) Quantos irmãos ele/a tem por parte de mãe?
a) ( ) nenhum
b) ( ) 1
c) ( ) 2
d) ( ) 3
e) ( ) 4 ou mais irmãos

20) Ele/a já reprovou de ano na escola?
a) ( ) Sim
b) ( ) não

21) Se sim, quantas vezes?
a) ( ) 1 vez
b) ( ) 2 vezes
c) ( ) 3 vezes
d) ( ) mais de 3 vezes

22) Se sim, em quais anos?

23) Ele tem ou teve alguma doença?
a) ( ) sim
b) ( ) não

Qual?

24) Apresentou alguma dificuldade no desenvolvimento?
a) ( ) sim
b) ( ) não

Qual?

25) Você foi casada/o ou teve união estável com o genitor/a da criança?
a) ( ) Sim
b) ( ) Não

26) Se sim, por quanto tempo foram casados/ união estável?
a) ( ) menos de 1 ano
b) ( ) de 1 a 3 anos
c) ( ) de 4 a 6 anos
d) ( ) de 7 a 10 anos
e) ( ) de 11 a 14 anos
f) ( ) de 15 a 18 anos
e) ( ) mais de 19 anos

27) Se sim, há quanto tempo houve a separação?
a) ( ) menos de 1 ano
b) ( ) de 1 a 2 anos
c) ( ) de 2 a 4 anos
d) ( ) de 5 a 7 anos
e) ( ) de 8 a 10 anos
f) ( ) a mais de 10 anos

28) Há algum tipo de guarda regulamentada judicialmente?
a) ( ) sim
b) ( ) não

29) Se sim, qual o tipo:
a) ( ) guarda unilateral para a genitora sem visitação ao genitor
b) ( ) guarda unilateral para o genitor sem visitação a genitora
c) ( ) guarda unilateral para a genitora com visitação em cerca de 4 dias por mês para o genitor
d) ( ) guarda unilateral para o genitor com visitação em cerca de 4 dias por mês para a genitora
e) ( ) guarda unilateral para a genitora com visitação em cerca de 8 dias por mês para o genitor
f) ( ) guarda unilateral para o genitor com visitação em cerca de 8 por mês para a genitora
g) ( ) guarda unilateral para a genitora com visitação livre para o genitor
h) ( ) guarda unilateral para o genitor com visitação livre para a genitora
i) ( ) guarda compartilhada com visitação para o genitor de cerca de 4 dias por mês
j) ( ) guarda compartilhada com visitação para a genitora de cerca de 4 dias por mês
k) ( ) guarda compartilhada com visitação para o genitor de cerca de 8 dias por mês
l) ( ) guarda compartilhada com visitação para a genitora de cerca de 8 dias por mês
m) ( ) guarda compartilhada sem definição do período de convivência
n) ( ) outro modelo

30) Houve algum litígio judicial entre você e o genitor/a de seu filho/a após a separação?
a) ( ) Sim
b) ( ) Não

31) Se sim, qual o motivo da ação e quanto tempo durou o processo?

32) Se sim, houve algum estudo psicossocial com a criança pelo Judiciário?
a) ( ) sim
b) ( ) não
Descrever brevemente a conclusão

33) Atualmente, qual a frequência/dias em que seu filho/a tem contato físico com cada genitor?

34) Atualmente, qual a frequência e dias que seu filho/a tem algum contato não físico (telefone, internet e outros) com cada genitor?

35) Há quanto tempo o filho/a convive com os pais nessa modalidade de guarda atual?
a) ( ) menos de 1 ano
b) ( ) de 1 a 2 anos
c) ( ) de 2 a 4 anos
d) ( ) de 5 a 7 anos
e) ( ) de 8 a 10 anos
f) ( ) a mais de 10 anos

36) O filho (a) já conviveu em outras modalidades de guarda diferentes da atual?
a) ( ) Sim
b) ( ) Não

37) Se sim, quais foram as formas de convívio anteriores?

38) Algum dos genitores paga pensão alimentícia?
a) ( ) sim b) ( ) não

39) Se sim, quem paga?
a) ( ) o genitor
b) ( ) a genitora

40) Qual o valor de pensão paga?
a) ( ) menos de 30% do SM
b) ( ) 30% do salário mínimo
c) ( ) 50% do salário mínimo
d) ( ) um salário mínimo
e) ( ) dois ou mais SM

41) Como você classificaria a distância entre a sua residência e a do genitor/a?
a) ( ) muito próxima
b) ( ) próxima
c) ( ) média
d) ( ) distante
e) ( ) muito distante

42) A escola onde seu filho/a estuda é:
a) ( ) mais próxima a residência materna
b) ( ) mais próxima a residência paterna
c) ( ) entre a residência paterna e materna
d) ( ) longe das duas residências

43) Seu filho/a tem convívio com a família paterna?
a) ( ) sim
b) ( ) não

44) Se sim, com quem ele/ela tem contato?
a) ( ) avô
b) ( ) avó
c) ( ) tios
d) ( ) primos
e) ( ) outros

45) Qual a frequência desse contato?
a) ( ) todos os dias
b) ( ) de 6 a 4 vezes por semana
c) ( ) de 3 a 1 vez por semana
d) ( ) a cada quinze dias
e) ( ) uma vez por mês
f) ( ) menos de uma vez por mês

46) Seu filho/a tem convívio com a família da genitora?
a) ( ) sim
b) ( ) não

47) Se sim, com quem ele/ela tem contato?
a) ( ) avô
b) ( ) avó
e) ( ) outros

c) ( ) tios
d) ( ) primos

48) Qual a frequência desse contato?
a) ( ) todos os dias
b) ( ) de 6 a 4 vezes por semana
c) ( ) de 3 a 1 vez por semana
d) ( ) a cada quinze dias
e) ( ) uma vez por mês
f) ( ) menos de uma vez por mês

49) Se você é casado/união estável, como classificaria a relação do seu filho/a com seu/sua cônjuge?
a) ( ) muito boa
b) ( ) boa
c) ( ) razoável
d) ( ) ruim
e) ( ) muito ruim

50) Se o genitor/a de seu filho/a é casado, como você classifica a relação do seu filho/a com o cônjuge dele?
a) ( ) muito boa
b) ( ) boa
c) ( ) razoável
d) ( ) ruim
e) ( ) muito ruim

51) Seu filho/a possui amigos que moram próximo ou relacionados a residência materna?
a) ( ) sim b) ( ) não

52) Seu filho/a possui amigos que moram próximo ou relacionados a residência paterna?
a) ( ) sim b) ( ) não

Anexo B

Roteiro da entrevista semi-estruturada

1) Me fale sobre como você percebe o arranjo de guarda atual

2) Como foi a decisão por esse arranjo?

3) Como vocês dividem os cuidados com o filho?

4) O que vocês tem feito para se adaptar a esse arranjo?

5) Qual o seu grau de satisfação com a guarda como está de 0 a 10 e porquê?

6) Como você avalia o bem estar de seu filho/a com esta guarda de 0 a 10 e porquê?

7) Como você classificaria a sua relação com o genitor/genitora do seu filho em relação ao nível de conflito entre vocês de 0 a 10? (Sendo 0 muito ruim e 10 muito bom)

7) Como você classificaria a sua comunicação com o genitor/genitora do seu filho sobre as questões envolvendo o filho/a de 0 a 10 e porquê?

9) Quanto você considera o genitor/genitora do seu filho/a um bom pai/mãe de 0 a 10 e porquê?

Anexo C

QUESTIONÁRIO DE CAPACIDADES E DIFICULDADES (SDQ) – VERSÃO DE AUTO AVALIAÇÃO (11-16 ANOS)

Instruções: Por favor, marque para cada item um dos três quadrados: falso, mais ou menos verdadeiro ou verdadeiro. Ajudaria-nos se você respondesse a todos os itens da melhor maneira possível, mesmo que você não tenha certeza absoluta ou que a pergunta pareça-lhe estranha.
Dê sua resposta baseado em como as coisas têm sido nos últimos seis meses.
Nome:..... Masculino/Feminino
Data de Nascimento: .....

	Falso	**Mais ou menos verdadeiro**	**Verdadeiro**
Eu tento ser legal com as outras pessoas. Eu me preocupo com os sentimentos dos outros			
Não consigo parar sentado quando tenho que fazer a lição ou comer; me mexo muito, esbarrando em coisas, derrubando coisas			
Muitas vezes tenho dor de cabeça, dor de barriga ou enjôo			
Tenho boa vontade para dividir, emprestar minhas coisas (comida, jogos, canetas)			
Eu fico muito bravo e geralmente perco a paciência			
Eu estou quase sempre sozinho. Eu geralmente jogo sozinho ou fico na minha			
Geralmente sou obediente e normalmente faço o que os adultos me pedem			
Tenho muitas preocupações, muitas vezes pareço preocupado com tudo			
Tento ajudar se alguém parece magoado, aflito ou sentindo-se mal			
Estou sempre agitado, balançando as pernas ou mexendo as mãos			
Eu tenho pelo menos um bom amigo ou amiga			
Eu brigo muito. Eu consigo fazer com que as pessoas façam o que eu quero			
Frequentemente estou chateado, desanimado ou choroso			
Em geral, os outros jovens gostam de mim			
Facilmente perco a concentração			
Fico nervoso quando tenho que fazer alguma coisa diferente, facilmente perco a confiança em mim mesmo			
Sou legal com crianças mais novas			
Geralmente eu sou acusado de mentir ou trapacear			
Os outros jovens me pertubam, 'pegam no pé'			
Frequentemente me ofereço para ajudar outras pessoas (pais, professores, crianças)			
Eu penso antes de fazer as coisas			
Eu pego coisas que não são minhas, de casa, da escola ou de outros lugares			
Eu me dou melhor com os adultos do que com pessoas da minha idade			
Eu sinto muito medo, eu me assusto facilmente			
Eu consigo terminar as atividades que começo. Eu consigo prestar atenção			

Nome completo (em letra de forma): .....Data.....

Anexo D – Itens do questionário Kidscreen 52

Dimensões de qualidade de vida – itens
Dimensão 1 – Saúde e Atividade Física
1.1. Como você descreve a sua saúde
1.2. Você se sentiu bem e em boa forma física
1.3. Você foi ativo/a fisicamente
1.4. Você foi capaz de correr ("*brincadeiras de corrida*")
1.5. Você se sentiu com muita energia/disposição
Dimensão 2 – Sentimentos
2.1. Sua vida tem sido agradável
2.2. Você se sentiu bem por estar vivo/a
2.3. Você se sentiu satisfeito/a com sua vida
2.4. Você se sentiu de bom humor
2.5. Você se sentiu alegre
2.6. Você se divertiu
Dimensão 3 – Estado Emocional
3.1. Você se sentiu como estivesse feito tudo errado
3.2. Você se sentiu triste
3.3. Você se sentiu tão mal que não queria fazer nada
3.4. Você se sentiu como tudo em sua vida estava mal
3.5. Você se sentiu farto/a ("*cheio/a*")
3.6. Você se sentiu sozinho
3.7. Você se sentiu pressionado ("*estressado*")
Dimensão 4 – Auto-Percepção
4.1. Você se sentiu contente com a sua maneira de ser
4.2. Você se sentiu contente com as suas roupas
4.3. Você esteve preocupado/a com a sua aparência
4.4. Você sentiu inveja da aparência de seus colegas
4.5. Você gostaria de mudar alguma parte do seu corpo
Dimensão 5 – Autonomia e Tempo Livre
5.1. Você teve tempo suficiente para você mesmo
5.2. Você fez o que gosta de fazer no seu tempo livre
5.3. Você teve oportunidade suficiente de estar ao ar livre
5.4. Você teve tempo suficiente para encontrar amigos/as
5.5. Você escolheu o que fazer no seu tempo livre
Dimensão 6 – Família/Ambiente Familiar
6.1. Seus pais entendem você
6.2. Você se sentiu amado/a pelos seus pais
6.3. Você se sentiu feliz em sua casa
6.4. Seus pais tiveram tempo suficiente para você
6.5. Seus pais trataram você de forma justa
6.6. Você conversou com seus pais como você queria
Dimensão 7 – Aspecto Financeiro
7.1. Você teve dinheiro suficiente para fazer as mesmas coisas que os seus amigos/as fazem
7.2. Você teve dinheiro suficiente para os seus gastos
7.3. Você teve dinheiro suficiente para fazer o que deseja com seus amigos/as

Continuação - Tabela 2

Dimensões de qualidade de vida – itens
Dimensão 8 – Amigos e Apoio Social
8.1. Você teve tempo suficiente para ficar com amigos/as
8.2. Você realizou atividades com outros jovens
8.3. Você se divertiu com seus amigos/as
8.4. Você e seus amigos/as se ajudaram uns aos outros
8.5. Você falou o que queria com seus amigos/as
8.6. Você sentiu que pode confiar em seus amigos/as
Dimensão 9 – Ambiente Escolar
9.1. Você se sentiu feliz na escola
9.2. Você foi bom/boa aluno/a na escola
9.3. Você se sentiu satisfeito/a com seus professores
9.4. Você foi capaz de prestar atenção nas aulas
9.5. Você gostou de ir à escola
9.6. Você teve uma boa relação com seus professores
Dimensão 10 – Provocação/Bullying
10.1. Você sentiu medo de outros jovens
10.2. Outros jovens zombaram ("*gozaram*") você
10.3. Outros jovens intimidaram ou ameaçaram você

Anexo E- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos você a participar da pesquisa "Bem-estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada", sob responsabilidade da pesquisadora Luciana Salvador, com orientação da Professora Doutora Giovana Veloso Munhoz da Rocha. A pesquisa tem por objetivo avaliar e comparar o bem-estar de filhos em diferentes arranjos de guarda compartilhada.

Para realização deste trabalho usaremos os seguintes métodos: aplicação de questionário sociodemográfico com genitores, entrevistas com genitores a ser realizada de maneira online pelo zoom. Em outro momento será agendada uma entrevista individual com seu filho/a, quando se aplicará o questionário SQD e o Kidscreen 52. As entrevistas serão gravadas em áudio para posterior transcrição.

Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo de todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo identificando os participantes através de sigla ou número. Informamos também que, após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de material que possa vir a identificá-lo, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos, a metodologia utilizada foi planejada para acarretar o mínimo desconforto ou prejuízo de ordem física, psíquica ou moral. Entretanto, a participação e o preenchimento dos questionários podem ocasionar algum desconforto de origem psíquica, ocasião em que você pode interromper imediatamente sua participação se assim desejar.

Você não terá qualquer gasto com sua participação, tampouco receberá qualquer valor financeiro pela mesma.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar a pesquisadora Luciana Salvador, através do email lcnsalvador@gmail.com ou telefone (45) 998009117.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tuiuti do Paraná, localizado à Rua Sydnei Lima Santos, 245 – CEP 82010-330, Santo Inácio. Curitiba – Paraná.

Agradecemos pela participação na pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, mantendo o anonimato dos dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Autorizo, ainda, a gravação de áudio durantes nos grupos focais. Desta forma, concordo digitalmente este termo.

Local: Data:___/___/___

Assinatura do Participante:

CPF do Participante:

Assinatura do Pesquisador:

Anexo F

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Bem-estar em crianças e adolescentes em guarda compartilhada
Pesquisador Responsável: Luciana Salvador
Local da Pesquisa: Consultório da Pesquisadora
Endereço: R. Rui Barbosa, 820, s. 201. Foz do Iguaçu/Paraná

O que significa assentimento?

Assentimento significa que você, menor de idade, concorda em fazer parte de uma pesquisa. Você terá seus direitos respeitados e receberá todas as informações sobre o estudo, por mais simples que possam parecer. Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao participante

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, com o objetivo de avaliar o bem-estar de crianças e adolescentes em guarda compartilhada após a separação dos pais. Esta pesquisa é importante porque queremos saber o que é melhor para as crianças quando os pais se separaram. Os benefícios da pesquisa é sabermos mais como vivem as crianças que estão visitando os dois pais.

O estudo será desenvolvido no consultório da pesquisadora, onde iremos conversar e você responderá a alguns questionários. Suas respostas serão gravadas em áudio para poder lembrar depois do que você falou, mas ninguém saberá do que você falou, nem mesmo seus pais. Ao final da pesquisa, esses áudios serão apagados.

Que devo fazer se eu concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

Caso você aceite participar, você virá ao consultório, onde conversará somente com a(s) pesquisadoras e deverá responder as questões da maneira mais sincera possível, podendo trazer qualquer outra informação que a pesquisadora não tiver perguntado, mas que você achar importante.

Não deverá haver riscos para você, mas, por falarmos sobre sua vida e sua família, pode ser que você sinta algumas emoções. Se quiser parar a entrevista a qualquer momento, é só avisar a pesquisadora que interromperemos, sem problema nenhum. Caso não fique bem após

a conversa, avise a pesquisadora que lhe encaminharemos a um profissional que possa lhe ajudar.

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar não terá nenhum prejuízo. Se você ou os responsáveis por você tiverem dúvidas com relação ao estudo ou aos riscos relacionados a ele, você deve contatar o pesquisador Luciana Salvador pelo telefone 45 998009117 ou no endereço R. Rui Barbosa, 820, sala 201. Foz do Iguaçu, Paraná. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tuiuti do Paraná, pelo telefone (041) 3331-7668 / e-mail: comitedeetica@utp.br. Rua: Sidnei A. Rangel Santos, 245, sala 04 - Bloco PROPPE. Horário de atendimento das 13:30 às 17:30.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal_____

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE_____

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o objetivo acima descrito. Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma via assinada e datada deste documento.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 20_____.

_____

[Nome e Assinatura do Participante de Pesquisa/responsável legal]

_____

Luciana Salvador (pesquisadora)

Anexo G

Descrição dos participantes por núcleo familiar

Filho	Gênero	Idade	Arranjo	Resultado SDQ	Resultado Kidscreen	Genitor entrevistado	Gênero genitor
02	masculino	08	GCRA	25	73,1	02	feminino
03	feminino	09	GCRA	18	79,8	08	masculino
05	feminino	14	GCRA	24	79,7	10	masculino
06	feminino	12	GCRA	16	69,7	10	masculino
07	feminino	17	GCRA	11	87,6	06	feminino
08	masculino	11	GCRA	11	89,1	06	feminino
10	feminino	08	GCRA	14	92,2	09	masculino
						03	feminino
11	feminino	10	GCRA	15	81,8	16	feminino
17	masculino	12	GCRA	18	73,7	14	feminino
20	feminino	08	GCRA	15	88,4	18	feminino
01	masculino	15	Sem GCRA	07	84,9	01 (GNR)	feminino
						07	masculino
04	masculino	11	Sem GCRA	02	77,3	04	feminino
09	masculino	12	Sem GCRA	08	93,6	05	feminino
12	feminino	14	Sem GCRA	13	84,3	12	feminino
13	masculino	11	Sem GCRA	18	85,1	12	feminino
14	feminino	10	Sem GCRA	13	71,4	11	feminino
15	feminino	13	Sem GCRA	11	85,8	13	feminino
						19 (GNR)	masculino
16	feminino	08	Sem GCRA	23	76,5	18	feminino
18	masculino	08	Sem GCRA	18	71	15	masculino
						20 (GNR)	feminino
19	masculino	11	Sem GCRA	05	82,5	17	feminino